

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DO PARLAMENTO

PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSU
“LEGISLATIVO E DEMOCRACIA NO BRASIL”

JULIANA DA CONCEIÇÃO BORGES

**OS MOVIMENTOS CULTURAIS DAS PERIFERIAS PAULISTANAS COMO
INSTRUMENTO DE EXERCÍCIO DEMOCRÁTICO**

SÃO PAULO
2018

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DO PARLAMENTO

PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSU
“LEGISLATIVO E DEMOCRACIA NO BRASIL”

JULIANA DA CONCEIÇÃO BORGES

**OS MOVIMENTOS CULTURAIS DAS PERIFERIAS PAULISTANAS COMO
INSTRUMENTO DE EXERCÍCIO DEMOCRÁTICO**

Monografia apresentada à Escola do Parlamento da Câmara Municipal de São Paulo como requisito parcial para aprovação no curso de Pós Graduação Lato Sensu “Legislativo e Democracia no Brasil”

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia Salgado Cordeiro dos Santos

SÃO PAULO
2018

CÂMARA MUNICIPAL DE SÃO PAULO
ESCOLA DO PARLAMENTO

PÓS GRADUAÇÃO LATO SENSU
“LEGISLATIVO E DEMOCRACIA NO BRASIL”

JULIANA DA CONCEIÇÃO BORGES

**OS MOVIMENTOS CULTURAIS DAS PERIFERIAS PAULISTANAS COMO
INSTRUMENTO DE EXERCÍCIO DEMOCRÁTICO**

Média da avaliação da banca examinadora

Nota final:

São Paulo, de de 2018

Orientadora: Profa. Dra. Maria Lúcia Salgado Cordeiro dos Santos

RESUMO

O presente trabalho versa sobre os Movimentos Culturais de Periferia, a atuação dos seus militantes e como este movimento reverbera no exercício da cidadania da metrópole Paulistana. Trata-se de uma temática onde novas formas de representatividade política se valem da prática cultural para exercerem a sua cidadania. O enfoque da pesquisa está voltado para a ação não institucionalizada de artistas ligados a coletivos culturais da periferia da cidade de São Paulo e suas vinculações com algumas das ações do poder público municipal. Valendo-se de pesquisas interseccionais de política, cidadania e cultura, juntamente com entrevistas semiestruturadas de artistas inseridos na militância cultural da cidade de São Paulo, o trabalho aponta para a necessidade de se compreender a cultura em seu sentido amplo, pois não há política, ou economia, numa sociedade sem que haja uma cultura que a defina, pois é dentro da dimensão cultural que a política e a economia estão inseridas. No entanto, a reflexão sobre cultura não chega à compreensão dos governantes brasileiros, ainda ligados a arcaicas práticas patrimonialistas, oligárquicas, autoritárias e escravagistas. E se a cultura é suspeita por despertar atitudes críticas, sofrendo cerceamento na liberdade crítica e criativa, é na periferia das grandes cidades brasileiras que este cerceamento ganha um peso dois: o artista torna-se, perante ao Estado e para civis conservadores, um marginal. Um marginal no duplo sentido: um marginal criminoso, onde sua cultura torna-se objeto de uma política penal e um marginal “clássico”, por estar fora da alçada do Estado e, consequentemente, a margem do Contrato Social.

Palavras-chave: cultura, política, cidadania, periferia, movimentos sociais, artistas, ativismo.

ABSTRACT

The present work deals with the Cultural Movements of Periphery, the activities of its militants and how this movement reverberates in the exercise of citizenship of the metropolis Paulistana. It is a theme where new forms of political representation use cultural practice to exercise their citizenship. The research focus is on the non-institutionalized action of artists linked to cultural collectives from the outskirts of the city of São Paulo and its links with some of the actions of the municipal public power. Using intersectional research on politics, citizenship and culture, along with semi-structured interviews of artists inserted in the cultural militancy of the city of São Paulo, the work points to the need to understand culture in its broad sense, since there is no politics, or economy, in a society without a culture that defines it, because it is within the cultural dimension that politics and the economy are inserted. However, the reflection on culture does not come to the understanding of Brazilian rulers, still related to archaic patrimonialist, oligarchic, authoritarian and slave practices. And if culture is suspected of awakening critical attitudes, and suffering a restraint in critical and creative freedom, it is on the outskirts of large Brazilian cities that this restriction gains a twofold weight: the artist becomes, before the State and for conservative civilians, a marginal . A marginal in the double sense: a marginal criminal, where his culture becomes the object of a criminal policy and a marginal "classic", because it is outside the jurisdiction of the State and, consequently, the margin of the Social Contract.

KEYWORDS: culture, politics, citizenship, periphery, social movements, artists, activism.

DECLARAÇÃO DE AUTENTICIDADE AUTORAL E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, JULIANA DA CONCEIÇÃO BORGES, declaro ser a autora desta Monografia apresentada à Escola do Parlamento da Câmara Municipal de São Paulo para o Curso de Pós-Graduação “Legislativo e Democracia no Brasil” e que qualquer assistência recebida em sua preparação está divulgada no interior da mesma. Declaro também que citei todas as fontes das quais obtive dados, ideias ou palavras, usando diretamente aspas (“ “) ou parafraseando, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravações ou quaisquer outros tipos. Declaro por fim, que este trabalho poderá ser publicado por órgãos de interesse público. Declaro, que o presente trabalho está de acordo com a Lei 5988 de 14/12/1973, Lei de proteção intelectual, e que recebi da Instituição, bem como de seus professores, a orientação correta para assim proceder. Em ambos os casos responsabilizo-me exclusivamente por quaisquer irregularidades.

São Paulo, de de 2018

JULIANA DA CONCEIÇÃO BORGES

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	08
1 REVISÃO DE LITERATURA	15
1.1 Definições e Cotejos entre Cultura, Política e Cidadania	18
1.2 A Sociedade Civil	20
1.3 Os Movimentos Sociais	24
1.4 Os Movimentos Culturais de Periferia	26
2 PERCURSO INVESTIGATIVO	35
2.1 Militância Cultural e Auto Percepção das Ações	39
2.2 A Periferia	42
2.3 Intersecção entre Cultura e Política	44
2.3.1 Ausência de reconhecimento dos não-institucionalizados	45
2.3.2 A negação de instituições como porta-voz	46
2.3.3 A negação do movimento como integrante de política partidária	47
2.4 Definição do Movimento Cultural de Periferia	48
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	57

Introdução

“A periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros.” (VAZ, 2007).

Uma pesquisa sobre cultura fica sem brilho quando desprovida de arte, esperança e poesia. Desta forma, peço licença para transcrever as palavras do “Manifesto da Antropofagia Periférica” logo no início, para que o leitor sinta o tom desse trabalho de conclusão de curso e compreenda melhor os caminhos percorridos.

O Presente trabalho versa sobre os Movimentos Culturais de Periferia, a atuação dos seus militantes e como este movimento reverbera no exercício da cidadania da metrópole Paulistana.

A justificativa para realização desta pesquisa são inúmeras. Antes de enumerá-las, cabe quebrar alguns preconceitos de que a cultura é mera atividade supérflua, desnecessária, um luxo num planeta consumido pela violência e pela fome. “Cultura não é a cereja do bolo. Ela é, na verdade, o fermento”¹. Não há política, ou economia, numa sociedade sem que haja uma cultura que a defina, pois é dentro da dimensão cultural que a política e a economia estão inseridas. No entanto, a reflexão sobre cultura não chega à compreensão dos governantes brasileiros, ainda ligados a arcaicas práticas patrimonialistas, oligárquicas, autoritárias e escravagistas. Ou esta reflexão até é recebida, mas é fortemente atacada, silenciada, reprimida, esmagada, como um claro sinal do crescimento do neofascismo – ou nas palavras

¹ Chico Cesar “Chico Cesar assume a Secretaria de Cultura da Paraíba” Disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/em-novo-album-chico-cesar-fala-de-amor-e-do-papel-social-do-artista-veja-entrevista/>

de Umberto Eco, o “Fascismo Eterno” que ainda ronda entre nós, por vezes em trajes civis.². Afinal, “a cultura é suspeita na medida em que é identificada com atitudes críticas”³.

Se a cultura é suspeita por despertar atitudes críticas, sofrendo cerceamento na liberdade crítica e criativa, é na periferia das grandes cidades brasileiras que este cerceamento ganha um peso dois: o artista torna-se, perante ao Estado e para civis conservadores, um marginal. Um marginal no duplo sentido: um marginal criminoso, onde sua cultura torna-se objeto de uma política penal⁴; e um marginal “clássico”, por estar fora da alçada do Estado e, conseqüentemente, a margem do Contrato Social. Eis o caráter político da cultura. Pois não é somente a fruição cultural que é desejada pela população periférica, mas também o direito de se reivindicar como expressão cultural⁵. E que este acesso ao criar e produzir cultura não seja entendido como uma atividade assistencialista⁶ que permeia as ações de agentes externos, ou uma atividade folclórica, isenta de qualquer qualidade ou mérito cultural.

Que seja entendida como uma atividade cultural genuína e de qualidade. Mas somente chegaremos a esta análise se entendermos os processos coloniais percorrido pelo povo Brasileiro, onde as classes pobres sofrem paulatinamente a desvalorização de seus saberes em detrimento a uma visão eurocentrista de civilização, e a imposição da cultura de massas⁷ advinda com a globalização industrial.

Além de lançar luz a esta vertente cultural, os presente trabalho tem por objetivos aprofundar os estudos interseccionais de política, cidadania e cultura, focando principalmente

² Umberto Eco. “14 lições para identificar o neofascismo e o fascismo eterno”. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/umberto-eco-14-liceos-para-identificar-o-neofascismo-e-o-fascismo-eterno/>

³ Idem.

⁴ Muito se fala sobre a Criminalização da Cultura, tema que não abordaremos com profundidade neste estudo, Uma pesquisa que se destaca é “Criminologia Cultural e a Criminalização Cultural Periférica” de Saulo Ramos Furquim. Coimbra: FDUC, 2014.

⁵ Marilena Chauí. “Racismo, Cultura e Mídias Sociais”. Disponível em: www.youtube.com/watch?v=kNFw5ADJfTc&t=310

⁶ “Assistencialista: uma assistência à população carente de uma sociedade, sem eliminar as causas de sua carência” Disponível em: <http://pt.thefreedictionary.com/assistencialismo>. Termo usado em contraponto a assistencial: “ação de assistir, auxiliar ou ajudar; aquele que coopera, auxilia, contribui ou ajuda outras pessoas na realização de alguma coisa” Disponível em: <https://www.dicio.com.br/assistencial/>

⁷ Termo criado por Theodor Adorno e Max Horkheimer, fundadores da Escola de Frankfurt. Sinteticamente, a Cultura de massa pode ser entendida como produto da Indústria Cultural, onde todos os tipos de expressões culturais são padronizados e homogêneos para o consumo imediato da maioria das pessoas com o objetivo essencialmente comercial, ou seja, de gerar consumo e lucro.

nas ações dos movimentos culturais de periferia e na sua pauta de reivindicações, e a imposição desta pauta na agenda política e social. Assim, promover uma reflexão mais cautelosa sobre os estudos da cultura e os processos democráticos gerados por ela, obtendo assim um alicerçamento mais robusto para uma sociedade justa e cidadã.

Por tratar-se de um trabalho *lato sensu*, mister se faz limitar a área de abrangência dos estudos, fazendo um recorte de espaço e tempo, onde nos limitaremos especialmente nas periferias da Cidade de São Paulo local onde o movimento cultural de periferia surgiu, oriundo dos movimentos sociais registrados por Eder Sader na década de setenta e oitenta do século passado. E temporalmente concentraremos nas ações contemporâneas deste movimento cultural periférico, mas principalmente, nos artistas integrantes deste movimento e que participaram das ações que resultaram na ocupação do Gabinete da Secretaria Municipal de Cultura por trinta horas, do dia 31 de maio a 02 de junho de 2017, solicitando, dentre outras pautas, a saída do Secretário André Sturm. Fato inédito em uma pasta criada por Mário de Andrade e capitaneada por Marilena Chauí (Erundina), Rodolfo Konder (Maluf/Pitta), Celso Frateschi (Marta), Carlos Augusto Calil (Serra/Kassab) e Juca Ferreira (Haddad).

Mesmo com este recorte, os estudos serão sobremaneira enormes. A cidade de São Paulo possui o terceiro maior orçamento do país, atrás somente da União e do Estado de São Paulo. A julgar pelo seu produto interno bruto de 2017⁸, se fosse um país, São Paulo estaria entre o Kuwait e a Hungria⁹. Estamos falando de uma cidade superlativa, com problemas igualmente desta qualidade.

No cenário da gestão financeira estatal, o orçamento as pastas da cultura sempre tiveram baixos orçamentos, e com a atual crise política e financeira resultante do pós Golpe de 2016, foi o setor que mais sofreu cortes nas três esperas de governo. Apesar do pouco

⁸ Disponível em: <https://exame.abril.com.br/economia/as-20-cidades-com-as-maiores-economias-do-brasil/>

⁹ Rol de Países por PIB. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_pa%C3%ADses_por_PIB_nominal

orçamento, pretendo mostrar neste trabalho que o capital da cultura é outro. É um capital não econômico, intangível, por isso as disputas em torno dela e as repercussões midiáticas das ações envolvendo esta pasta, e por isso o prestígio que atrai tantos grandes nomes. Por conta destes superlativos, o referencial teórico e a metodologia têm que estar bem traçados, pois é um terreno fácil de se perder por conta das paixões que desperta e das inúmeras correntes que o permeiam.

Na etapa de revisão de literatura nos apegaremos à teoria da cultura de Marilena Chauí, e no que tange aos movimentos sociais, iniciaremos com o “novos personagens” de Eder Sader e a sua entrada em cena nos anos de 1970 e 1980, e terminaremos com as reflexões do pensamento de Ilse Scherer-Warren e a atual emergência de novas conjunturas da sociedade civil, já fazendo um cotejo com os estudos dos movimentos culturais de periferia desenvolvido por Harika Merisse Maia, Renato Souza de Almeida e James Lemos Abreu – todos os três ativistas culturais e ex-ocupantes de cargos de gestão no governo municipal – e Sílvia Lopes Raimundo, que leva luz a questão da territorialidade, a negação da periferia, o movimento dos coletivos culturais neste lugar e o direito a cidade.

Na etapa seguinte será realizado o percurso investigativo, com a delimitação do campo de pesquisa, coleta de dados e análise do conteúdo. No caso concreto, a metodologia adotada é a entrevista semiestruturada, aplicada a alguns artistas de periferia participantes da ocupação do Gabinete da Secretaria Municipal de Cultura já acima relatado. A escolha dessas pessoas se deu por serem fontes de um registro de uma passagem histórica, de uma ação histórica em que elas protagonizaram. E do ponto de vista político e cultural, é importante que este protagonismo seja registrado por fazerem parte da história da cidade e, conseqüentemente, do país.

Por fim, peço licença para explicitar as principais dificuldades, a maior parte delas encontradas na pessoa da pesquisadora que vos fala. Foi um grande desafio definir como o

objeto de estudo seria tratado, pois estarei falando de mim e dos meus, e a admiração de nossas ações poderia redundar em um Trabalho de Conclusão de Curso com as mesmas características de uma propaganda, e longe disto advogar este intuito.

A maior característica dos discentes deste programa de pós *latu sensu*, a qual eu me incluo, é pertencer a classe trabalhadora, mais exatamente o serviço público, público alvo deste curso. E ao contrário do estereótipo clássico enraizado na sociedade e reforçado por políticos e imprensa, é uma classe trabalhadora que se dedica muito a máquina estatal, apesar dos escassos recursos e estrutura que paulatinamente vem sendo sucateada. Realizar uma pesquisa acadêmica concomitante a este trabalho exaustivo, sem perder o animo, mesmo após a ofensas dos chefes do executivo e legislativo municipal dentro da Câmara¹⁰ usada por nós como sala de aula, é um mérito que eu e os discentes desta pós tem que se orgulhar.

A presença de negros, mulheres e moradores de periferia também é uma característica deste grupo de discentes – e eu também me vejo representada por estes três grupos. São camadas e camadas de vulnerabilidades que se sobrepõem. Mas usando um termo do poeta Ferréz, a *Sivirologia*¹¹ é uma característica dos moradores das comunidades, cortiços, bairros populares. E do limão a uma limonada, aquilo que é a nossa maior dificuldade também se tornou em um grande laço que uniu alunos, docentes, e ex-participantes – que infelizmente foram muitos.

¹⁰ “Alvo de bombas e agressões físicas, manifestação em SP era majoritariamente feminina. Polícia lançou bombas, spray de pimenta, balas de borracha e até desferiu socos em servidoras que protestavam contra a reforma da previdência municipal dentro da Câmara dos Vereadores de São Paulo; Desesperador, diz professora”. Revista Fórum, 14.03.2018. Disponível em <https://www.revistaforum.com.br/manifestacao-em-sp-era-majoritariamente-feminina/>

¹¹ “Chora o filho, a mãe e também o avô. O sistema falhou, os herdeiro vacilou. Um deles escapou, se matou de trabalhar, mas estudou. Não serviu pra ser massa de manobra, mas não parou. Foi em frente e, com a caneta, inspirou. Paulo Lins escreveu o livro morando na boca de fumo da quadra 13, comia mal, dormia mal, e perdia um amigo todo dia. Era estudante universitário em meio a tudo isso, ganhava meio salário mínimo da Faperj, mas como todo bom morador de favela, fazia a **sivirologia**: dava aulas e vendia roupas de mão em mão. Inspirou, retratou de forma fiel e marcou, foi traduzido pro mundo e se espalhou. Andou tanto com a palavra que melhorou, não é só o Machado de Assis que tem essa cor, fez academia pra esse tanto de branco se intitular escritor.(...)” Prefácio do livro “Cidade de Deus”, de Paulo Lins, por Ferréz. 16.07.2013. Disponível em: <http://blog.ferrezescritor.com.br/2013/07/>

Falar dos meus pares e manter a neutralidade acadêmica foi também uma dificuldade. Afinal, estarei narrando os direitos batalhados pela minha mãe, uma das “personagens” pioneiras dos movimentos sociais retratados por Sader, mesmo que ela não se veja nas teses acadêmicas. E que somente agora, após 36 anos dedicados ao serviço público na mesma escola municipal na periferia da zona sul, teve coragem de trocar de profissão: não quer ser aposentada, mas sim, artesã.

Estarei narrando lutas perpetradas pelos meus colegas de profissão. Todas as profissões que eu possuo: colegas professores, colegas acadêmicos, colegas servidores, colegas gestores culturais, e principalmente, os colegas artistas: escritores, cineastas, atores, músicos, pintores, dançarinos, produtores e gestores culturais. Colegas que, assim como eu, não tem condições de se dedicarem exclusivamente a arte e perpassam por todos estes setores transversais para fecharem as contas do mês.

Portanto, as principais dificuldades para elaborar este trabalho tornaram-se o motor motivador dele mesmo. Neste trabalho, estarei narrando de mim. E espero que o leitor desta obra tenha empatia e se veja representado nela.

1. Revisão de Literatura

“Instalamos na secretaria municipal de cultura, de 89 a 92, um projeto de política cultural, o projeto da cidadania cultural. Nós procuramos definir a cultura com um direito dos cidadãos e como um trabalho de criação: tanto a criação coletiva de valores, de ideias e de símbolos, quanto a criação pela imaginação, pela sensibilidade das obras de arte, pelo pensamento e pela reflexão das obras de pensamento. A ideia da cultura como direito do cidadão foi uma inovação em São Paulo. Porque em São Paulo nós encontramos a ideia da cultura como privilégio de alguns. Nós trabalhamos, portanto, para vencer o campo das puras carências daqueles que estavam excluídos do direito a cultura, e no campo dos privilégios daqueles que consideram a cultura como um bem da sua própria vida privada. Direito aos espaços, direito a produção, direito ao acesso, direito a participação, direito a informação. Isso se chama cidadania cultural”¹²

Uma jovem Marilena Chauí protagoniza o vídeo acima transcrito. E a escolha desses dizeres como abertura de capítulo não foi sem razão. Os tempos eram outros, onde os ventos da democratização estavam fortes e a esperança de mudanças capitaneadas por agentes fora dos cenários políticos e da arena política, como movimentos sociais populares, davam o tom em capitais cosmopolitas e na nova Carta Magna que ali nascia, ganhando o qualificativo de Constituição Cidadã. Uma nova cidadania permeava o ar – não aquela cidadania de cunho Liberal, onde há somente direitos e deveres – mas uma cidadania onde as singularidades e

¹² Marilena Chauí faz balanço da pasta Cultura no governo Erundina. Vídeo Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=IMKSq2ZlebU>

diferenças são respeitadas, proporcionando a ocupação aos espaços e o direito à produção, ao acesso, a participação e a informação.

Após trinta anos, os ventos democráticos tornaram-se leves brisas e a jovem professora – a qual eu tive orgulho de ser sua aluna em 2010¹³ e de trabalhar na repartição pública cujo o nome e atribuições foram inspirados em sua filosofia¹⁴ – hoje já não é mais tão jovem assim, e suas falas tidas por polêmicas pelos midiáticos da Alt-Right¹⁵ brasileira, ocupa mais espaço na Wikipédia¹⁶ do que seus estudos acadêmicos – o que pode ser fruto do Ur Fascismo relatado na Introdução, ou da veemência com que defende suas ideias progressistas, o que lhe deu o reconhecimento de ser uma das maiores intelectuais brasileiras¹⁷.

É com a filósofa que iremos desvendar as teorias que permeiam a cultura e suas correlações com a política democrática e cidadã – teoria esta que servirá de alicerce para compreensão de todo este trabalho. Mas ela não vem só. Os estudos da UNESCO para a Proteção e Promoção da Diversidade Cultural e os artigos do Observatório da Diversidade

¹³ “Investigação Social e Cultural da Contemporaneidade”, extensão do Centro de Estudos dos Direitos da Cidadania (CENEDIC) da FFLCH/USP.

¹⁴ O Núcleo/Coordenação de Cidadania Cultural da SMC/SP teve como embrião a Lei Municipal 11.325/92, mas só foi implementado em janeiro de 2013, com estrutura orgânica definida no Decreto Municipal 57.528/2016. Tinha como atribuição a afirmação, consolidação e ampliação dos direitos culturais de cidadãos, coletivos, grupos, organizações e movimentos culturais da cidade de São Paulo, sobretudo aqueles que atuam e desenvolvem projetos nos territórios onde o acesso às atividades culturais é mais escasso. Foi extinto pelo Decreto Municipal 58.207/2018. Órgãos análogos foram criados pelo país, como a Secretaria de Cidadania Cultural do MinC, também extinto. Disponível em: www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/cultura/noticias/?p=17303

¹⁵ Posicionado à extrema direita do espectro político, a Alt-Right é, pela Associated Press “um nome atualmente adotado por alguns supremacistas e nacionalistas brancos para se referirem a si mesmos e à sua ideologia, que enfatiza preservar e proteger a raça branca nos EUA, somando ou substituindo outras posições conservadoras tradicionais, como governo limitado, impostos baixos e lei mais rígidas. O movimento é uma mistura de racismo, nacionalismo e populismo; critica o multiculturalismo e direitos para não-brancos, mulheres, judeus, muçulmanos, gays, imigrantes e outras minorias. Seus membros rejeitam o ideal democrático americano de que todos devem ter igualdade perante a lei, independentemente de credo, gênero, origem étnica ou raça.” O escopo do Alt-Right ainda está em fluxo e a própria Associated Press recomenda a seus jornalistas a não usar o termo sem fornecer uma definição anterior. Livre tradução da autora. Disponível em: <https://en.wikipedia.org/wiki/Alt-right>

¹⁶ https://pt.wikipedia.org/wiki/Marilena_Chauí

¹⁷ “Existem os críticos de seu trabalho. Mas, infelizmente, poucos merecem ser ouvidos ou lidos. Dizemos infelizmente porque o primitivismo e a esterilidade de grande parte dessa crítica confirmam a precariedade intelectual de nossos debates, de nosso atual estado de coisas. A tais críticas, que tão logo expõem suas fissuras de raciocínio, caberia apenas o riso da indulgência, se não fosse o espaço midiático que ocupam, se não fosse a agressividade de suas manifestações, o preconceito, o ressentimento e o desvirtuamento rasteiro, atitudes lamentáveis que afinal determinam o *modus operandi* de uma parcela da direita brasileira. Na entrega do *honoris causa* pela Universidade de Paris, disseram: “Para alguns, a filosofia é uma carreira universitária. Para outros, mais raros, ela é um combate. Era, certamente, o caso de Espinosa. E é também, sem dúvida, o de Marilena Chauí”. Juvenal Savian Filho e Eduardo Socha em Revista Cult. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/entrevista-marilena-chauí/>

Cultural, núcleo de estudos capitaneados por José Márcio de Barros, também norteiam esta pesquisa.

No evoluir do capítulo, traremos à baila o pensamento de Ilse Scherer-Warren¹⁸, e suas pesquisas sobre a sociedade civil, movimentos sociais e seus novos formatos e redes, sempre com o olhar para as problemáticas da exclusão social e da luta por direitos humanos. Pretendemos lançar luz para o dinamismo e a realidade dos movimentos sociais – em especial o movimento cultural de periferia, foco deste trabalho – e a necessidade de revisões ou atualizações perante a emergência de novos sujeitos sociais e cenários políticos.

Fechando a revisão de literatura, debruçaremos nos estudos específicos de cultura de periferia enquanto movimento social. Harika Merisse Maia, Renato Souza de Almeida e James Lemos Abreu, todos os três ex-ocupantes de cargos de gestão cultural no governo municipal paulistano, nos agraciarão com a visão do direito à cultura e as políticas públicas culturais como instrumento de transformação – e Sílvia Lopes Raimundo, que leva luz à questão da territorialidade, a negação da periferia e o direito à cidade.

Para este capítulo, os desafios serão muitos, a começar com o poder de síntese que terei para trabalhar essa palavra tão abrangente: cultura. Para além do conceito clássico e datado, que cultura é o “conjunto de manifestações artísticas, sociais, linguísticas e comportamentais de um povo ou civilização”¹⁹, ou do conceito vulgar, de que cultura é sinônimo de arte, veremos que, na verdade, a primeira é o *guarda-chuva* da segunda, e que a arte é apenas uma das muitas dimensões da cultura, que é muito mais complexa e abrangente. Partiremos do sentido antropológico e político de cultura, onde não existe um ser humano fora da cultura, pois somente através da cultura que a nossa existência se transforma numa experiência coletiva, tal qual é a política, em suas dimensões democráticas.

¹⁸ Doutora em Sociologia pela Université de Paris, Pós-Doutora pela University of London UK, Professora Titular e Coordenadora do Núcleo de Pesquisa em Movimentos Sociais do Programa de Pós-Graduação em Sociologia Política da UFSC, Pesquisadora Visitante da UnB e professora adjunta da UFRJ.

¹⁹ Verbetes Cultura. Disponível em: https://www.suapesquisa.com/o_que_e/cultura.htm

Perder de vista que trata-se de um trabalho *lato sensu* é muito fácil. Ser prolixo também. Reconhecer que este trabalho não é exaustivo, mas somente uma semente para estudos superiores que pretendo prosseguir, é a receita para percorrer este capítulo com objetividade e assertividade.

1.1 Definições e Cotejos entre Cultura, Política e Cidadania

Conceito de cultura está em fluxo, em constante mutabilidade, tal qual é a sua primeira definição: processo, cultivo, vide a palavra agricultura. Cultura já significou o cuidado dos homens com os deuses, daí o surgimento da palavra culto. E o cuidado com a alma e o corpo das crianças, originando a puericultura²⁰. Assim, cultura passou a ser o cultivo da mente humana, o cultivo do conhecimento²¹.

Em meados do Século XVIII, cultura passou a ser sinônimo de civilização, de pessoa civilizada, em oposição aos Bárbaros²². Civilização deriva-se de vida civil²³, portanto, de vida política e de regime político. Com o iluminismo europeu, a cultura torna-se o padrão que mede o grau de civilização de uma sociedade ao introduzir a ideia de tempo-evolução no conceito de cultura, tornando-se ela sinônimo de progresso. Avalia-se o progresso de uma civilização pela sua cultura e avalia-se a cultura pelo progresso que traz a uma civilização. Sem aprofundar no caráter racista e excludente²⁴, essa última concepção ainda encontra forte eco nos dias atuais.

²⁰ Em latim, “*puer*” significa menino e “*puera*” menina

²¹ CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. p. 372

²² “a cultura são as técnicas, os ofícios, as artes, a religião, as ciências, a filosofia, a vida moral e a vida política, ou o Estado. (...) E os resultados da formação-educação se manifestam com maior clareza nas formas de organização da vida social e política, na vida civil”. CHAUÍ, Marilena. *Convite à Filosofia*. p. 372

²³ Vida Civil como sinônimo de Sociedade Civil, cuja conceituação veremos a frente.

²⁴ Um artigo que se destaca é “A Opacidade Do Iluminismo: O Racismo Na Filosofia Moderna”, de Érico Andrade. Revista Kriterion: Belo Horizonte, n° 137, Ago./2017, p. 291-309

A UNESCO define cultura como “o conjunto dos traços distintivos espirituais e materiais, intelectuais e afetivos que caracterizam uma sociedade ou um grupo social e que abrange, além das artes e das letras, os modos de vida, as maneiras de viver juntos, os sistemas de valores, as tradições e as crenças”²⁵.

O conceito acima expõe nova amplitude do significado da palavra Cultura, adotado em meados do século XX, mas ainda insuficiente para se estudar as correlações desta com a política. Assim, abriremos o escopo ainda mais, abarcando o sentido antropológico de cultura, onde não há qualquer ser humano fora da cultura, por ser a dimensão onde alcançamos a nossa condição humana e nos diferenciamos dos demais seres vivos.

A cultura torna nossa existência humana em uma experiência coletiva, onde nós experimentamos a inclusão o pertencimento a algo que nos é maior²⁶. Tal qual a política o é. Neste ponto que a cultura se funde com política - política no sentido de seres públicos, de democracia²⁷, de cidadãos. Pela experiência coletiva, surge a **inclusão** e o **pertencimento** - dois valores básicos sem o qual a cidadania deixa de existir.

Cidadania aqui inicialmente surge do sentido clássico liberal de direitos e deveres, onde o indivíduo deve obediência ao Estado e o Estado deve oferecer proteção e acolhimento aos indivíduos, e todos estes são iguais a leis e regras coletivas. Do cidadão formal, vimos emergir os cidadãos ativos, onde as práticas sociais e culturais lhes dão o pertencimento, reconhecendo-se e identificando-se com a sua coletividade. Ou seja: indo além do

²⁵ UNESCO. Declaração Universal da Diversidade Cultural, p. 2 Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>. Acesso em: 8 mai. 2018.

²⁶ José Marcio Barros. Cultura e Cidadania. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=dXFcn-TgyaQ>

²⁷ “Segundo Norberto Bobbio, a democracia pode ser “*caracterizada por um conjunto de regras (primárias ou fundamentais) que estabelecem quem está autorizado a tomar as decisões coletivas e com quais procedimentos*” Pode-se assinalar que este conceito envolve aqueles direitos relacionados às liberdades fundamentais (ir e vir, associação, imprensa, consciência), mas também incorpora a luta por igualdade e justiça social, incorporando a participação do maior número de cidadãos nos processos de decisão coletiva. Seria correto dizer que tanto quanto uma forma de governo, o regime democrático envolve valores, crenças e formas de conduta”. Abreu, James Lemos Cultura e Política: O caso do Programa VAI em SP – 2004-2008 p. 71

reconhecimento de direitos e deveres para aqueles que nasceram em um determinado território. É uma cidadania ancorada no direito a diferença, na invenção de novos direitos.

Novos direitos requer novas formas de fazer política, que ocupem outros espaços além de câmaras, instituições e arenas já costumeiras. A política passa permear as negociações entre o que me singulariza e aquilo que é do coletivo – e a forma que tenho a minha singularidade e as minhas diferenças respeitadas - e como isso é colocado a serviço de um todo. A cidadania, desta forma, caracteriza-se não apenas pela inclusão, mas também pela participação, pela identidade e reconhecimento. Desta forma, o que se busca hoje são direitos e experiências reais.

1.2 A Sociedade Civil.

Política, contrariando o senso comum de atuação partidária e governamental, é também o que os gregos antigos chamavam de cultura da polis, onde cada um de nós exerce sua condição de sujeito coletivo e como nós nos responsabilizamos e participamos do cenário coletivo. Por este entendimento, um ato individual ou de um coletivo civil é tão político quanto um ato político de um congressista ou de administrador público. Aquilo que nós, cidadãos, fazemos no nosso dia-a-dia, da maneira que nos apropriamos e usamos esse espaço público e cenário público para realizar bens coletivos, isso é política.

Tendo isso como iter, há de se afirmar que mudanças políticas proporcionam novos sentidos culturais e o inverso também vale: como mudanças culturais apontam para novos sentidos políticos. Lembrando que não há ser humano fora da cultura e que esta é uma

atividade coletiva, assim como a política, voltemos nosso olhar para essa formação coletiva: a Sociedade Civil.

O termo Sociedade Civil é antigo, mas passou a ocupar com mais intensidade os pensamentos da maioria dos filósofos políticos ocidentais a partir do século XVII, como Hobbes, Rousseau, Hegel, Kant, Marx, Gramsci.

Quando a doutrina jusnaturalista dominava nos Séculos XVII e XVIII, a Sociedade Civil era distinta do que, até então, se convencionava ser uma Sociedade Natural, e considerada uma construção humana de uma sociedade civilizada e política - como em John Locke, para o qual de fato a sociedade civil era o contraste da sociedade natural. A sociedade civil dos contratualistas é uma regulamentação civilizatória, ou seja: a sociedade civil ainda não era sociedade política porque, para tanto, era necessário o Contrato Social, como afirma Rousseau. Esta concepção iluminista, contratualista e liberal de Sociedade Civil - sinônimo de uma sociedade civilizada e relembrando os conceitos de cultura, uma sociedade culta - perdura ainda hoje e constitui-se um mito, pois parte do pressuposto de que a sociedade civil é sempre virtuosa, ignorando seus conflitos, contradições e jogos de interesses.

Por outra frente, Hegel defende que a Sociedade Civil configura-se como uma regulamentação ética entre a família e o Estado, e esse caráter regulatório perdura nos escritos de Smith e Marx, mas em direções determinadas: enquanto para o primeiro a Sociedade Civil é a protagonista da regulamentação do mercado, para o segundo ela é a estrutura política e jurídica da sociedade burguesa, inserida, obviamente, dentro da lógica capitalista.

A inserção da Sociedade Civil dentro da política somente se dará no Século XX em Gramsci estudando seu papel na hegemonia e na democratização da sociedade, e com Tocquerville enfatizando a importância das associações civis e a atuação da sociedade civil na democratização da sociedade. E no Século atual os estudos extrapolaram os limites da Filosofia Política e adentram a Sociologia, com a produção científica de Arato, Andrew e,

principalmente, Habermas. E é com este último que conceituaremos a Sociedade Civil, que passa a ser vista a partir de uma relação tripartite entre Estado e o Mercado. Para Habermas (apud SCHERER-WARREN, 2011) cada haste deste tripé possui racionalidades distintas: o Estado e o mercado possuem uma racionalidade tida como instrumental: no caso do Estado, em relação ao poder; do mercado, aos interesses econômicos. Já a Sociedade Civil possui o que ele chama de racionalidade comunicativa, onde ela irá regulamentar o estado a partir do mundo da vida.

Após este retrospecto, adentraremos nos estudos de Ilse Scherer-Warren (2006) e na compreensão do que vem a ser a “Nova Utopia do Ativismo”, termo cunhado pela autora, no que se refere à mudanças com engajamento com as causas sociais dos excluídos e discriminados e com defesa da democracia na diversidade. Ela defende que os movimentos sociais, em especial no Brasil, se diversificaram e tornaram-se altamente complexos, muito sob influência, cada vez maior, da globalização e informatização da sociedade; e a compreensão destas novas configurações da sociedade civil organizada torna-se basilar para este trabalho, a começar pela conceituação: “sociedade civil é a representação de vários níveis de como os interesses e os valores da cidadania se organizam em cada sociedade para encaminhamento de suas ações em prol de políticas sociais e públicas, protestos sociais, manifestações simbólicas e pressões políticas²⁸”.

Estas representações de níveis, para fins conceituais, podem ter inseridos em seu escopo três níveis sequenciais, assim definidos:

- Primeiro nível: *associativismo local*, com as associações civis, os movimentos comunitários e sujeitos sociais envolvidos com causas sociais ou culturais como exemplo. Algumas Organizações Não-Governamentais com trabalhos voltados a essas bases, e

²⁸ SCHERER-WARREN, Ilse. Das Mobilizações às redes de movimentos sociais. Soc. Estado, Brasília, v.21, n.1, Apr. 2006. p. 110.

coletivos informais, sem nenhuma ou pouca institucionalidade, que lutam por modos de vida alternativos, por reconhecimento ou são produtores de novas formas de expressão simbólicas, também estão inseridos neste nível;

- Segundo nível: *formas de articulação inter-organizacionais*, como os fóruns da sociedade civil, as associações nacionais de ONGs e as redes de redes, que buscam se relacionar entre si para o empoderamento da sociedade civil, representando organizações e movimentos do associativismo local;

- Terceiro nível: *mobilizações na esfera pública*. Oriundos das articulações provenientes de atores dos movimentos sociais localizados, de ONGs, fóruns e redes de redes, diferem dos demais níveis por não possuir a institucionalidade que os demais possuem. Possuem uma origem institucional, mas buscam transcendê-los por meio de grandes manifestações públicas com a participação de simpatizantes, com a finalidade de dar visibilidade midiática e causar efeitos simbólicos para os próprios manifestantes (no sentido político-pedagógico); e para a sociedade em geral é uma forma de pressão política das mais expressivas no espaço público contemporâneo. As organizações em rede também se abrem para a articulação da diversidade em universidades, comunidades, igrejas, mas com limites quanto à capacidade de absorção de posturas ideológicas ou políticas conflitivas, vindo a cindir quando os conflitos se tornam não negociáveis.

Os movimentos sociais estão inseridos dentro da sociedade civil, mas ambos não são sinônimos, pois no espectro desta última podemos encontrar o terceiro setor com as suas organizações formais sem fins lucrativos e organizações não-governamentais com interesse público.

1.3 Movimentos Sociais

A conceituação de movimento social, apesar de ser um termo mais recente que Sociedade Civil, também é antigo, só possuindo de fato um tratamento teórico ao longo do Século XX, aonde algumas abordagens sociológicas ganham destaque, como a Teoria dos novos movimentos sociais.

Oriunda da abordagem Marxista, onde as classes sociais se definem pelo lugar estratégico e pela consciência no modo de produção, projetando uma proposta de mudança social – e em se tratando do capitalismo proletário e a oposição a burguesia, seria a mudança da sociedade capitalista para a sociedade socialista, a Teoria dos novos movimentos sociais inova na medida de que ela foge da dicotomização de classes e vai conceber os movimentos sociais a partir da possibilidade de múltiplas e diversificadas identidades coletivas. Esta corrente, capitaneada por Alain Touraine, sociólogo que, nas palavras de Scherer-Warren (2005) é um dos poucos pensadores contemporâneos europeus que pensam a democracia, a modernidade e os sujeitos sociais no contexto da América Latina, possui três elementos constitutivos dos movimentos sociais:

1) **Construção de uma identidade coletiva** e poderá ser tanto de fundo econômico como social ou cultural, podendo ser de classe gênero, etnia, ecologia regional ou outra outras ainda

2) **Definição coletiva de um opositor ou de um adversário** que poderão ser as elites dominantes ou dirigentes, ou um adversário, um conflito como o conflito econômico, social ou cultural ou ainda, este conflito pode ser material ou simbólico

3) **Uma utopia ou projeto de mudança social** que também pode ser social, cultural ou sistêmica.

A Teoria dos novos movimentos sociais tem a sua importância registrada ao possibilitar o descentramento das lutas sociais e voltar o olhar para a multiplicidade dessas lutas e para a contingência das identidades. Em outras palavras, “o Movimento Social, em sentido mais amplo, se constitui em torno de uma identidade ou identificação, da definição de adversários ou opositores e de um projeto ou utopia²⁹”

Silvia Lopes Raimundo, fundamentada nos estudos de Rodrigues e Souza, também traz a baila uma importante diferenciação entre movimento e ativismo – não sendo incomum a sua utilização como sinônimos.

Ativismos e movimentos sociais são formas específicas como as pessoas se organizam e participam da sociedade, lutam por direitos, estabelecem laços de cooperação e organizam ações políticas e culturais. Mas os autores estabelecem que ativismo social seja uma categoria mais ampla que “(...) envolve diversas formas de organização, mobilização e ação dos habitantes das cidades (...)” desde ações paroquiais, acríicas em relação à sociedade instituída até mobilizações mais amplas e críticas acerca da sociedade constituída, em seus fundamentos, sociais, econômicos, políticos e culturais, movimentam-se com forte potencial transformador. (RODRIGUES e SOUZA apud RAIMUNDO, 2017 p. 83).

O primeiro, o ativismo reivindicativo constitui-se em grupos de pressão que expressariam a luta por melhoramentos urbanos e equipamentos públicos de uso coletivo, como creches, hospitais, postos de saúde, enfim algo específico e pontual. Este tipo de ativismo, por não possuir uma pauta de luta ampliada, passa por uma desmobilização logo depois de atingido seu objetivo. Já os movimentos sociais são alimentados por uma crítica ao modelo hegemônico e pautas que visam à contestação e a transformação da ordem socioespacial instituída. (RAIMUNDO, 2017, p. 83)

Seguindo esta lógica, nem todas as reivindicações exercidas pelos coletivos culturais podem ser classificadas como Movimento Social, mas sim como ativismo. Essa diferenciação, inclusive, auxiliou a esta pesquisadora a ajustar o foco desta pesquisa, cujo o projeto de pesquisa era voltado para o ativismo cultural de periferia. No entanto, os estudos dos movimentos culturais de periferia, além de ser maior, pareceu ser mais frutífero em termos de literatura e resultados.

²⁹ SCHERER-WARREN, Ilse. Das Mobilizações às redes de movimentos sociais. Soc. Estado, Brasília, v.21, n.1, Apr. 2006. p. 113.

1.4 Os Movimentos Culturais de Periferia

Tendo como iter o sentido *lato sensu* de Movimento Social, já encontramos aporte para inserir os Movimentos Culturais de Periferia no âmbito dos estudos deste trabalho.

Antes de avançarmos, convém distinguir o termo Movimentos Culturais de Periferia, movimento cultural e social objeto deste estudo, com o Movimento Cultural das Periferias – MCP, fórum de redes composto por diversas coletividades, grupos, artistas, cidadãos e movimentos culturais oriundos das periferias de São Paulo. O estudo do primeiro, mais abrangente, de certo modo contemplará a compreensão do segundo.

Por vezes, dá-se a impressão que a periferia – ou os marginalizados, relembrando o termo muito usado nos anos de 1970 e que remetiam para aqueles que estavam a margem do Contrato Social – só passou a usufruir e produzir cultura com a Carta Magna de 1988, o que não é verdade. A Constituição Cidadã trouxe a baila a inclusão da cultura como um direito do cidadão³⁰, mas o que ela fez foi incluir neste Contrato aquilo que já acontecia a mais de um século, vide o samba de Tia Ciata³¹. Para além das discussões de apropriação cultural e democracia racial, aquilo que hoje identifica o Brasil foi, por longos tempos, criminalizado³². E, de certo modo, ainda o é³³.

³⁰ Constituição Federal Art. 215 Caput: O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional, e apoiará e incentivará a valorização e a difusão das manifestações culturais”.

³¹ Hilária Batista de Almeida, conhecida como Tia Ciata (1854-1924) é um símbolo da resistência negra no Brasil e uma das principais personagens do samba por abrir sua casa para reuniões de sambistas quando a prática ainda era proibida por lei. Foi em sua casa que foi criado o primeiro samba gravado, "Pelo Telefone". Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Tia_Ciata

³² Recomendo a Leitura do texto de Vitor Fraga, “Direito Penal e criminalização do samba”. Tribuna do Advogado, OAB RJ, mai. 2013. Disponível em: www.oabRJ.org.br/materia-tribuna-do-advogado/17720-Aquela-tal-malandragem-nao-existe-mais

³³ “Samba é coisa de bandido”, diz sertanejo Cesar Menotti na Globo. Disponível em: www.revistaforum.com.br/samba-e-coisa-de-bandido-diz-sertanejo-cesar-menotti-na-globo/

O punk e o hip hop são reconhecidos pela literatura como os primeiros movimentos culturais de periferia, nos anos de 1970. Ao aportar no Brasil, na mesma década, encontraram forte adesão de jovens da classe trabalhadora até por conta das suas origens: o primeiro, dos bairros operários de Londres; o segundo, dos guetos negros e hispânicos de Nova York. Mas ambos aparecem com a proposta de refletir sobre as contradições e desigualdades sociais por meio de criações culturais sob o olhar próprio daquele grupo de jovens, interferindo e dando significados a espaços como praças, estações de metrô, porões, galerias e discotecas. (MAIA, 2014, p.68-69)

O que dá para entender Tereza Caldeira (2011), ao defender que os movimentos culturais periféricos tiveram como pano de fundo as implicações de uma democracia incompleta.³⁴ A redemocratização “lenta e gradual”³⁵ no fim da década de 1970 e a década perdida de 1980 nos dê pistas de como foi o restabelecimento da política democrática neste período.

Para Souza, os chamados “Movimentos Populares de Cultura” passaram a existir quando

Começam a ser repensadas as questões culturais globais, principalmente após a emergência dos movimentos de gênero, grupos étnicos e de direitos humanos, os quais trouxeram à tona a discussão dos modos de vida e da ética nas relações do homem consigo mesmo e com a Natureza. Esses movimentos também tentam resgatar as culturas das etnias, defendem as minorias culturais e o exercício das diferenças e das diversidades regionais (SOUZA, 2012, p 59)

³⁴ CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. O rap e a cidade: reconfigurando a desigualdade em São Paulo. In. KOWARIK, Lúcio e MARQUES, Eduardo (orgs.). São Paulo: novos percursos e atores. Sociedade, cultura e política. São Paulo: Ed.34, 2011, pp. 301-320, apud HARIKA, p. 69

³⁵ Frase dita pelo presidente General Ernesto Geisel (1974-1979) ao referir-se ao processo de abertura política.

Um elemento que não é identificado facilmente na reflexão acima, e que é fundamental para entendermos o movimento cultural de periferia, é o território. A geógrafa Silvia Lopes Raimundo reinterpreta com brilhantismo o que veio a ser chamado de “revanche do território” de Milton Santos, ao pesquisar os coletivos e fóruns culturais e as evidentes manifestações de uma cultura periférica e marginal, permitindo uma

Viva manifestação da contestação e da crítica, primeiro aos modos de se fazer e promover cultura, depois ao próprio modelo de desenvolvimento. Uma “revanche do território” (SANTOS, 2001) torna-se possível, porque a distância dos radares das grandes corporações possibilita, a partir da apropriação de algumas tecnologias, o desenvolvimento criativo, independente das dificuldades que o território periférico impõe, como a acelerada escassez (RAIMUNDO, 2017, p 33).

Essa “revanche” acontece quando uma parcela da população passa a desobedecer a leis, normas e regras, ou seja, passa a exercer ações subversivas (tidas como) contra ações fundamentais criadas para a instrumentalização da economia e do Estado.

Essas desobediências, insubordinações à lógica imposta pela racionalidade hegemônica, estão na “proliferação de ‘ilegais’, ‘irregulares’, ‘informais’” (SANTOS, 2000, p. 120), tanto na ocupação e organização dos loteamentos, como nas letras de rap e dos grafites que gritam transgressões, uma subversão característica do período popular da história, pois daí “frações da sociedade passam da situação anterior de conformidade associada ao conformismo a uma etapa superior da produção de consciência” (SANTOS, 2000, p. 120). Desses movimentos, o que inicialmente poderiam tratar-se apenas de uma narrativa sobre o cotidiano do seu lugar, do seu pedaço, desvendando problemas, códigos de ética e comportamento, festas, pode

nascer um movimento social transformador não somente de pensamentos, mas do próprio território urbano. (RAIMUNDO, 2017, p 33)

Os pesquisadores a seguir apresentados, apesar de possuir foco de estudo nos agrupamentos juvenis e nos coletivos culturais – até por conta das experiências acumuladas na gestão de políticas públicas culturais voltados para a juventude, como o Programa VAI³⁶, onde tive o privilégio de ser colega de trabalho e aprendiz de seus ensinamentos – seguem a estrada de raciocínio e corroboram com a ideia da utilização da cultura como instrumento de mobilidade política e social dos artistas periféricos.

Ao pesquisar as novas formas de atuação juvenil na cidade de São Paulo, Renato de Souza Almeida dá um interessante enfoque sobre o movimento que ele denomina “Cultura de Periferia”:

Nem todos que moram na periferia são pobres. Mas na cultura de periferia tratar da pobreza e das precárias condições de vida é uma forma de relacionar arte-vida. Há que se diferenciar estar na periferia e estar na cultura de periferia. Para quem mora na periferia e produz arte de periferia, fica difícil perceber tal diferença. Mas, nem todos os artistas que residem na periferia comungam com este tipo de arte, como, por exemplo, aqueles que fazem uma arte decorativa. Da mesma forma, um morador do centro pode se identificar com esta arte periférica, muito por conta de sua condição socioeconômica. (ALMEIDA, 2009, p. 106)³⁷

Denunciar a desigualdade social e apontar os modos de vida cotidianos pobres é lugar comum na arte periférica, tornando-se conteúdo quase que obrigatório, vide as letras de

³⁶ O Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais - VAI, foi criado pela lei 13.540 e regulamentado pelo decreto 43.823/2003, com a finalidade de apoiar financeiramente, por meio de subsídio, atividades artístico-culturais, principalmente de jovens de baixa renda e de regiões do Município desprovidas de recursos e equipamentos culturais. Tem como principais intenções estimular a criação, o acesso, a formação e a participação do pequeno produtor e criador no desenvolvimento cultural da cidade, promover a inclusão cultural e estimular dinâmicas culturais locais e a criação artística. Para saber mais: <http://programavai.blogspot.com>

³⁷ Grifos itálicos da citação são do autor. Almeida, Renato de Souza. Juventude e participação. p.106

rap, as poesias marginais, os teatros populares e os vídeos guerrilha. Mas essa atitude política de denúncia não perpassa pela política partidária:

Mesmo não se reconhecendo como arte pela arte, a cultura de periferia também não se identifica, a priori, com essa ou aquela ideologia. Sua atitude é política, mas não doutrinária. A questão de classe assume muito mais um caráter simbólico de afirmação identitária do que necessariamente um discurso mais elaborado de uma dada ideologia política. (ALMEIDA, 2009, p. 106)

James Lemos Abreu, ao seu turno, ressalta algumas características destes agrupamentos juvenis ao estudar as políticas públicas culturais voltadas para a juventude. Para o sociólogo, são nos espaços culturais, nas relações de trabalho e, sobretudo, no local de moradia – a periferia - que muitos jovens encontram espaços para construção de novas identidades, ao mesmo tempo que desvendam novos meios de interferir ativamente (ou como diz o autor, altivamente) nos processos de produção cultural.

A multiplicidade destas pequenas iniciativas representam claro posicionamento em relação à esfera cultural pois parecem ocorrer a contrapelo das principais políticas públicas de cultura. Políticas que há décadas priorizam demandas tradicionais de segmentos organizados do campo cultural. (...) A identificação de vários coletivos urbanos com manifestações estéticas (...) revela frequentemente a busca por linguagens mais apropriadas no sentido de expressar uma visão crítica das formas de opressão presentes no cotidiano urbano, particularmente difícil, vivido nas áreas mais periféricas da cidade. (ABREU, 2010, p. 205)

É visível, aqui, a presença de valores estéticos e éticos de forte ressonância democrática, como a valorização da cultura popular, a denúncia da exclusão social, a luta por justiça e a participação política.

“Está-se diante da insurgência de práticas culturais alternativas à cultura hegemônica, seja sob a forma de uma cultura erudita, inacessível, ou uma cultura massificada e reconhecida como alienante. No primeiro caso, em contraposição à ideia de uma cultura intrinsecamente “burguesa” - tão comum a concepções presentes em movimentos sociais do passado -, a crítica procura se contrapor à sua forma de apropriação restrita e utilizada como elemento de distinção, ou, mais concretamente, como elemento de discriminação e que submete milhões de pessoas não somente à violência material, mas também, e, sobretudo, à violência simbólica. É nesse ambiente que florescem coletivos preocupados não somente em fruir, mas em produzir cultura entendida esta como possibilidade concreta de dar expressão a valores que foram sendo compartilhados, e reforçados no decorrer de dado percurso.” (ABREU, 2010, p. 205)

Ao estudar os Coletivos, Redes e Agrupamentos Juvenis Culturais das Periferias paulistanas, Harika Merisse Maia identifica uma “cultura do silêncio”, ou uma cultura que seleciona as vozes a serem ouvidas – cuja a lógica os coletivos culturais de periferia procuram romper, questionando os aparatos de dominação e desenvolvendo espaços de produção de conhecimento de caráter coletivo.

A experiência periférica é assumida como matéria-prima legítima para as práticas artísticas e culturais, com ênfase nos acontecimentos cotidianos, na extensão social da arte e em uma postura combativa em relação à visão da população pobre e trabalhadora, não detentora dos meios de produção, como um objeto passivo, sem qualquer energia criativa própria e sempre determinada pelas estruturas hegemônicas. (HARIKA, 2014, p.96)

Entende-se, portanto, que a arte tem forte carga política, na medida em que

pode acarretar em libertação ou dominação, conscientização ou alienação; bem como apresentar e representar realidades e contradições. (...) A militância articula a vida pública à privada, com a intersecção entre elas. Isso porque se trata de um movimento que extrapola a ideia de atividade destinada somente ao lazer de final de semana, inserindo essas questões no cotidiano e orientando a trajetória de vida dos envolvidos. (HARIKA, 2014, p.96)

Fundamentada em Reguillo, Harika alerta para uma distinção necessária de grupo, coletivo e movimento, em que um grupo caracteriza-se por ser uma reunião de pessoas sem organicidade e coletivo por ser um grupo estruturado e com certa organicidade, atividades e projetos compartilhados. E o movimento supõe a presença do conflito e de um objeto social em disputa que convoca os atores juvenis ao espaço público, sendo de caráter tático e pode implicar em aliança de diversos grupos ou coletivos. (REGUILLO apud MAIA, 2014, p. 80)

Observa-se aí um elemento já levantado por Scherer-Warren ao categorizar os movimentos sociais, onde podemos entender que, aquilo que Reguillo define como a presença do conflito, é por Scherer-Warren identificado como um opositor.

Seguindo o pensamento de Scherer-Warren, o Movimento Cultural de Periferia pode ser assim categorizado:

No que concerne a identidade, é o pertencimento à periferia. Este pertencimento pode ter outras categorizações, como classe, gênero, etnia, mas o fator periferia destaca-se. Talvez por ter gestado os grandes movimentos sociais dos anos 1980 – e onde Sader encontrou os novos personagens políticos de sua obra mais famosa³⁸ e produzindo uma nova estética política no território paulistano.

³⁸ SADER, Eder. Quando Novos Personagens Entram Em Cena - Experiências e Lutas dos Trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980). São Paulo: Paz e Terra, 1988

Na definição coletiva de um opositor, este pode ser o mercado. Com a globalização da sociedade de consumo e uma voraz indústria cultural, os movimentos culturais de periferia representam a resistência se reapropriando e ressignificando produtos culturais: aquilo que é feito pela indústria cultural para vender, os movimentos culturais de periferia se valem para criticar e empoderar.

Cabe ressaltar que, rompendo o senso comum, o opositor aqui não é o Estado - mas este pode configurar-se como adversário quando adota a agenda e os interesses do mercado. Pois, quando o Estado é o fomentador de recursos – financeiros ou materiais – exemplificando por intermédio de programas de valorização a cultura periférica, como Programa VAI e do Fomento a Cultura de Periferia, o Estado assume a face de parceiro. Ao valorizar a cultura de massas ou das Belas-Artes produzido e usufruído por habitantes do centro, aliado a uma postura repressora, em que a arte oriunda da periferia possui um valor menor e, portanto um menor crédito, aí o Estado adota a agenda do mercado e torna-se adversário.

E a sua utopia reside nos dois tópicos anteriores: ter o acesso à produção e à fruição cultural em seu território, e que esta arte expresse a sua identidade.

Desse modo, pode-se dizer que a principal demanda desses coletivos é o acesso à produção e à fruição cultural, tendo a sua própria ação como produtores de experiências culturais. Esta demanda está relacionada não só a uma precariedade de oferta de equipamentos para fruição e acesso cultural na periferia, mas também ao reconhecimento de que nesses locais há uma cultura pulsante, criativa e pouco reconhecida e legitimada pelo mercado, pela mídia e pelo Estado – e pelo reconhecimento e incentivo a esta produção cultural autêntica, periférica, e marginal.

Ou seja, para os movimentos culturais de Periferia, cultura é, para além ao direito, uma estratégia política: é a maneira encontrada de se comunicar com seus pares e com a

sociedade. A cultura não é o trampolim para outras plataformas políticas, mas sim, a própria plataforma política. Pensar a resistência pela cultura é compreender que a ação política adentrou o cotidiano e, por outro lado, que a cultura se faz presente neste cotidiano. Não é a ação cultural em si que determina sua eficácia política, mas o local e os atores envolvidos nesta ação cultural.

Como tentativa de conceituação, o Movimento Cultural de Periferia se constitui no seu pertencimento à periferia enquanto identidade, da produção e à fruição cultural em seu território como expressão de sua identidade, como direito e estratégia política enquanto projeto; e do mercado enquanto opositor ao seu fazer artístico, por impor uma cultura de massas tida como alienante e uma cultura erudita eurocêntrica tida por civilizatória.

Relembrando os sentidos de cultura e cidadania: inclusão, aqui traduzido como identidade, e o pertencimento, fecha-se a triangulação entre cultura, democracia e sociedade civil, onde o resultado em seu interior é o movimento cultural de periferia.

No próximo capítulo apresentaremos o percurso investigativo com a coleta de dados, análise de conteúdo e como os resultados obtidos dialogam com a revisão de literatura aqui proposta.

2. Percurso Investigativo

As páginas que se seguem tratam do percurso investigativo, com a delimitação do campo de pesquisa, coleta de dados e análise do conteúdo. A metodologia adotada, no caso proposto, foi a entrevista semiestruturada aplicada a três artistas oriundos dos bairros periféricos da Cidade de São Paulo e cuja atuação pode ser considerada, num primeiro momento, como de militância cultural. Dentre tantos artistas que também atuam na área cultural e nas periferias da capital paulistana, estes foram escolhidos por terem participado da histórica ocupação do Gabinete da Secretaria Municipal de Cultura relatado no capítulo introdutório – e por indefinições institucionais que o país passa neste momento, e para manter a isonomia no tratamento dos dados, achei por bem manter o anonimato deles. Não que o presente estudo irá abordar a referida ocupação. Mas no recorte de escolha e na delimitação do campo de pesquisa, ter participado desta ação deu um peso maior pois revela pessoas que tem, em sua bagagem de vida, fonte de registro de uma passagem histórica que elas protagonizaram. E do ponto de vista desta pesquisadora, é importante que este protagonismo seja garantido por aqueles que fizeram parte da história da cidade; que este protagonismo seja garantido por aqueles que se identificam como artistas fazedores de uma cultura periférica – o que foi acertado, pois, como veremos ao longo da investigação, em alguns pontos os dados levantados nas entrevistas, destoavam das informações acadêmicas.

O caminho escolhido para desenvolver esta pesquisa qualitativa foi realizar seis perguntas básicas, além de outras no decorrer da conversa. As perguntas estruturadas versavam sobre as atividades deles no campo cultural, o que eles entendiam por movimentos culturais de periferia³⁹, se eles se consideravam como ativistas ou militantes culturais e qual o

³⁹ Deixando claro que não se tratava do MCP, já que eles faziam parte deste fórum central.

impacto que eles viam, de suas ações, na democracia na cidade, objetivando as relações com o Estado, e nas relações com a sociedade civil.

Uma das perguntas fiz somente uma única vez: o que a pessoa entendia por ativismo cultural. Por sentir, na resposta recebida, que a distinção entre ativismo e movimento ainda era algo confuso, preferi centrar as atenções às perguntas atinentes ao movimento social. E outras duas perguntas foram incluídas por uma necessidade sentida logo na primeira entrevista: as correlações entre cultura e política não partidária e a relação deles com a periferia, em um duplo sentido: enquanto território e enquanto pessoas privadas de tutela estatal. O marginal, termo muito usado nas décadas de 1970 e 1980 para identificar essa população paulistana, veio com força.

As entrevistas realizaram-se nos dias 07 e 18 de outubro de 2018, no horário noturno e em espaços de livre circulação na região central da cidade, e contou com recursos mínimos: um celular como gravador, papel e caneta. Houve uma transcrição parcial das falas e o áudio gravado segue anexo ao final desta obra.

Em duas tentativas, tentamos realizar as entrevistas nos centros regionais mais próximos do local de moradia e atuação dos entrevistados. Mas a construção da cidade sempre no sentido centro-bairro, dificultando a interligação entre os bairros e favorecendo os bairros-dormitórios, aliado a concentração de espaços culturais no eixo centro-pinheiros em detrimento aos distritos mais pobres, fez com que as entrevistas ocorressem na região da República.

A primeira entrevista ocorreu em um espaço público municipal. Mas por conta das duas interrupções que eu e o entrevistado sofremos pelos vigias locais por usar alguns espaços de circulação sem autorização e solicitando a nossa retirada - o que só foi resolvido quando me identifiquei como servidora pública municipal, já que não havia dado certo a

arguição que a utilização do espaço público independe de autorização⁴⁰ – decidi que as demais entrevistas aconteceriam em uma área de convivência de um centro social do Sistema S.

Convém citar também a tentativa de agendamento de um espaço cultural privado próximo a residência de um dos entrevistados para ser local da entrevista. Por não ser um local de livre circulação, liguei antecipadamente para verificar a viabilidade. Ao me identificar e revelar o propósito da entrevista, a pessoa responsável do local agiu de tal forma que não sei se foi desconfiança ou um outro sentimento negativo que eu não soube avaliar. Mesmo após a mudança de postura desta pessoa com as explicações ao longo da ligação, decidi que ali eu não me sentiria bem, a tal ponto de avaliar a minha permanência na Secretaria Municipal de Cultura, caso eu queira investir na minha carreira acadêmica nos próximos meses, pois imagino então que, por não mais ocupar um cargo público, terei por parte dos entrevistados uma naturalidade maior.

Relatar estas dificuldades fará com que o leitor entenda a densa atmosfera do período destas entrevistas, fermentadas, obviamente, pelo período eleitoral mais polarizado desde a redemocratização, pelas perseguições à parcela mais engajada da classe artística, e um panorama futuro de agravamento das condições de vida dos mais pobres e criminalização dos movimentos sociais.

Antes de exibir os resultados, quero externar aqui o meu agradecimento aos entrevistados, pois com muito carinho disponibilizaram seus tempos e sabedorias para construir esta pesquisa. Foi o momento mais descontraído de toda construção científica e acadêmica, pois eles proporcionaram um grande bate-papo e não tiveram acanhamento de usar de formas não usuais de comunicação para expressarem seus pensamentos, como o canto. Foi um aprendizado valioso em longas entrevistas – o que não era para ser, mas

⁴⁰Fato citado na entrevista 1, aos 19m10s.

acredito que a falta de espaços de fala fez com que muitos conhecimentos emergissem de uma só vez – e que a mim mostra que a muito tempo ando desconectada do fazer cultural, dedicando-me a gestão burocrática da cultura, e me distanciei do que ocorre nas periferias paulistanas. Fazendo a reflexão comigo e com outros amigos artistas, recordei das dificuldades e da tendência de se romantizar a periferia, e não devemos esquecer que trata-se de um lugar de violência, afastado, esquecido, com ausência de respeitos.

E respeito foi o sentimento que, no meu entender, mais se destacou ao longo das entrevistas:

(...) Nós criamos arte, nós produzimos conhecimento, nós criamos emprego, e porque o dinheiro não chega até esses fazedores artísticos do território periférico? Então é uma resposta ao poder público de que estamos começando o reparo histórico dessa vulnerabilidade que há décadas a gente está. (...) Então, o movimento cultural de periferia é isso. São pessoas que tem as suas famílias, ou nasceu, ou vive na periferia, e cansado da exclusão, de ser tachado como idiota, como gente que não pensa, a gente falou: quer saber de uma coisa? Vamos mostrar para a cidade que a gente existe e não há outra maneira do que disputar... A disputa é pelo orçamento? É também. Mas é dizer que a cidade é feita de pessoas e as pessoas merecem respeito. (Entrevistado 3 – 28:00)

É uma hierarquização que tá colocada. Isso tá colocado quando tem uma virada cultural e aí você tem os artistas de Periferia que tem um palco, e os artistas Mainstream que tem outro palco. (...) Isso tá ligado ao preço, mas também está ligado ao respeito... E aí, todas as violências que se reproduzem qualquer instituição brasileira que é homofóbica, racista, machista, transfóbica, acontece nesses lugares, e para as pessoas de periferia para onde vai a maior violência. Pra onde não tem respeito com alimentação, com prazos, com documentação, com cachê... Então houve avanços, há um reconhecimento, mas esse reconhecimento por enquanto é um reconhecimento que ainda não nos dá plenos direitos. (entrevistado 1 – 29:30)

O menino chega com 16 anos, o pai e a mãe já coloca pra trabalhar, porque precisa botar pra trabalhar, precisa ter dinheiro dentro de casa, precisa de comer, precisa! Então como se fala pro um moleque, pra uma menina de 16 anos, que muitas vezes é pressionado dentro de casa para ir trabalhar, que essa pessoa pode ser artista? Se a gente tem uma cultura em nosso país que diz a gente é vagabundo, não faz nada, que mama nas tetas do governo, e blah, entendeu? Então é bem complicado. E cada vez mais é importante que artistas façam militância sim, que militem na cultura sim, que sejam ativistas, sejam fazedores, mas que se utilizem da cultura para um bem maior, social mesmo, pra que a gente consiga mudar alguma coisa, alguns costumes, alguma culturas do brasileiro que a gente tem. Que a gente

consiga colocar a cultura também no patamar estrutural da sociedade, porque ela transforma e ela transforma de um jeito que, literalmente, é visceral... (entrevistado 2 – 24:00)

Com esse espírito, pretendo ter elementos para se obter um esboço de definição do tema sob o olhar dos entrevistados e espero que a análise do discurso destes artistas ajude a pensar não só o impacto desse grupo social e o que eles pretendem para a cidade, mas ir além e compreender o momento histórico atual.

2.1 Militância Cultural e auto percepção das ações

No que concerne os entrevistados, eles têm entre si um multifacetado currículo, com trajetórias em inúmeras frentes culturais (para além das linguagens artísticas) até estabelecerem nos trabalhos atuais. E acredito que percorrerão outros caminhos no futuro, num eterno fluxo. E isto não é, sobremaneira, um amadorismo. Usando a analogia de um dos entrevistados, onde nós não somos compostos de membros onde cada parte faz somente uma coisa, somos seres culturais por inteiro. E tive a impressão que isso não é o costumeiro na cultura de massas, onde temos que agir segundo como um fordismo⁴¹ e escolher somente uma atividade.

Alguns podem dizer que eu sou artista multilinguagem, que atuo em várias frentes da Cultura, não necessariamente só da arte. Da cultura, porque parto de uma perspectiva política bicana, de Steve Biko, ativista da África do Sul, e um dos Pensamentos africanos ou africanistas é que a cultura é algo que é amplo, ela não é somente o que tá na indústria cultural, ela é linguagem, ela são as tradições, são as fruições das culinárias, as relações em sociedade, tudo isso é cultura. Então sou um ser cultural. Negro em diáspora, esse sou eu. Isso quer dizer que eu tenho uma consciência cultural da minha

⁴¹ Criado por Henry Ford, trata-se de uma forma de racionalização da produção capitalista tendo em vista a produção em massa e o consumo em massa. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Fordismo>

existência, quer dizer que, embora a diáspora africana tenha me tirado a possibilidade de saber, a partir de onde, a minha matriz negra vem da África, e também o extermínio dos povos originários também me faz não saber qual a minha etnia indígena, mas apesar disso eu, por uma consciência política, eu atuo em Cultura como um ser cultural, como ser que significa essas defesas, essas atitudes, essas resistências, essas potências afro indígenas. (Entrevistado 1, 20:18)

Dos entrevistados, um eu não conhecia e os outros dois eram pessoas que rapidamente me foram apresentados por colegas há muito tempo, mas que não fazem parte do meu círculo de amizades nem de trabalho. Isso pesou na escolha, pois a análise e a interpretação dentro de uma perspectiva de abordagem qualitativa com pessoas sem vínculo afetivo poderia proporcionar outros olhares e uma objetividade que talvez eu não teria com pessoas conhecidas, pois é fácil esquecer que trata-se de um procedimento científico que segue um objetivo. Pesou também na escolha o fato de querer ouvir pessoas de gêneros, etnias, orientações, regiões periféricas e linguagens artísticas distintas entre si, até para constatar se os elementos arguidos seriam os mesmos.

Ao iniciar a entrevista com a indagação de que se eles se consideram ativistas ou militantes culturais, ou seja, como pessoas que se valem do fazer artístico-cultural como instrumento de transformação social, as respostas foram as mais variadas possíveis. Uma resposta me chamou a atenção pela negativa e por usar um raciocínio divergente à literatura então estudada de Rodrigues e Souza, onde o ativista é alguém de dentro a se movimentar com potencial transformador⁴²:

Não sei se eu me considero uma ativista cultural. Eu me considero uma fazedora de cultura, que é um pouco diferente de ser ativista. O ativista pode ou não estar lutando por uma causa, mas não necessariamente ele faz isso. Já o fazedor de cultura está dentro daquilo, ele tá sentindo, ele tá fazendo, ele tá... Tá fazendo oficina, dando aula, tá gravando, tá tirando foto, tá editando, tá fazendo as coisas, estou em contato com as pessoas, então eu não sou uma ativista cultural. Eu entendo que, quem faz ativismo luta por determinada coisa mas não necessariamente esta inteiramente envolvido naquilo. Quando se é um fazedor de cultura, e eu me considero assim, já tô literalmente dentro

⁴² Pagina 11 do capítulo 2

da coisa, não estou olhando pelo olhar de fora, eu já estou totalmente dentro da cultura. (...)

(Entrevistador) Estou pensando nas possibilidades que você falou, de alguém que luta mas não faz isso...

Posso lutar contra a violência obstétrica nas maternidades e não necessariamente eu preciso ser uma mãe, entendeu? Talvez quando você não está envolvido em determinada causa, isso eu considero um ativismo, porque se tem um olhar de fora. (entrevistado 2 – 2:09)

A associação do fazer cultural com ações já conhecidas dos movimentos sociais apareceu forte na fala dos entrevistados, mesmo que tradicionais nomenclaturas, como ativismo, movimento, militância, não sejam adotados ou reconhecidos entre eles:

A cultura tá dentro de mim, porque se estou fazendo cultura, se é isso que eu quero, se é isso que eu quero passar para as pessoas, eu acredito que automaticamente eu tô lutando por isso. (...) Poderia ser qualquer outra coisa, e estaria lutando da mesma forma. Estaria militando ou fazendo ativismo, sei lá qual que é o nome, mas estaria fazendo a mesma coisa, porque para mim é uma questão de sobrevivência mesmo, de lutar por aquilo que você acredita, por aquilo que você quer, por algo que, no meu caso, não é uma coisa individual, não é uma coisa para mim. É isso meio que se tornou uma base para mim. Não consigo falar em cultura, falar em fazer cultura, e não falar sobre luta, em não falar sobre política, não falar em algo que eu acredito, e não falar em coletividade, não consigo não falar sobre isso. (entrevistado 2 – 4:55)

Eu me vejo como ativista cultural. Primeiro: bicha, mora no extremo da cidade, na zona sul divisa com Diadema, em uma região que está no topo da vulnerabilidade. (...) Eu não tenho que provar nada para ninguém, mas meu ativismo me mantém vivo na minha criação artística. Por exemplo, eu levo para cena a minha inquietação enquanto sujeito periférico, bicha, pobre, que cansado de tantos não, cria em cena a possibilidade do sim. Então o meu fazer artístico não está desassociado da minha militância na rua. (Entrevistado 3 – 1:27 áudio 2)

Eu me considero um ativista cultural, a algum tempo, a alguns anos... Significa que eu não atuo em artes só pela liberdade e vontade de me expressar através das artes. Quer dizer que eu me coloquei uma responsabilidade maior em relação as artes e as culturas que eu expresso, que eu estudo. Hoje para mim é necessário fazer grande parte das minhas ações na periferia, nos territórios dos quais eu sou majoritário, de população negra, população indígena, tá em sua maioria nas periferias. (Entrevistado 1 4:05)

2.2 A Periferia

A periferia mostra-se um termo em construção, revelando inúmeras vertentes, indo além da acepção de território. O recorte de pesquisa é o estudo da periferia paulistana. Mas a primeira coisa que salta aos olhos desta pesquisadora – e era algo que não tinha previsto, talvez pela minha inexperiência na pesquisa social – era a possibilidade da periferia se realizar somente no território paulistano, sendo que, em outras metrópoles do país ou, até mesmo, em outras cidades próximas à São Paulo, encontrar outros termos para significar a exclusão:

A gente talvez corra o risco querendo conceituar a periferia pro Brasil e de recorrer no erro do eixo Rio-Sul, né! Dessa ponte aérea, dessa coisa da gente criar standarts para o Brasil e não entender a complexidade dos outros subúrbios, dos outros arredores, e bolsões de pobreza em outros contextos, de outros estados. (entrevistado 1 – 24:00)

Eu acho que essa coisa da identidade periférica eu entendo que é muito aqui em São Paulo, a gente não tem problema em se afirmar enquanto poeta periférico, saca, enquanto atriz periférica (...) No Rio pode ser que tenha isso também, na questão favelada e tal, mas essa questão do artista periférico eu vejo que isso aqui é muito em São Paulo. (entrevistado 2 – 14:00)

O termo periferia não é consenso entre os entrevistados, mas é o termo que, na ausência de outro, acaba identificando essas pessoas e unificando o movimento. E a distância dos territórios providos de infraestrutura adequada às necessidades de saúde, educação, saneamento, transporte, entre outras, é uma primeira característica do que vem a ser a periferia:

Eu não teria uma terminologia para colocar no lugar porque acho que muitas pessoas estão partindo da cidade a partir desse termo que já nos une. **O deslocamento nos une.** O deslocamento na cidade, o quando a gente queima o tênis por aí, isso nos une (entrevistado 1).

Somente a distância como característica é insuficiente, pois ao mesmo tempo que bairros luxuosos foram artificialmente criados a mais de 30km do centro paulistano, como Alphaville⁴³ e Tamboré⁴⁴, grandes bolsões de pobreza encontram-se no centro expandido da cidade, como o Glicério, Brás, Favela do Moinho, Parque do Gato e Paraisópolis. Além da distância, a fraca presença do Estado, acarretando a ausência de direitos, é uma característica importante, talvez a maior delas. A presença do Estado é fraca mas não ausente, pois a repressão e controle social, exercido através da polícia, mostra-se bem ativo.

Você se identificar enquanto pessoa periférica, você já tá dizendo que você veio de um lugar onde faltam coisas, onde faltam algumas políticas públicas, onde falta médico, onde falta saneamento básico, onde não tem acesso a cultura, você já tá dizendo isso... Então quando você se diz periférico, você já imprime isso, que você veio de um lugar onde faltam coisas, onde o Estado não chega, ou se chega é com a mão da polícia, com a violência, com a truculência... Você já fala de um lugar onde falta direitos, que tem coisas que você não tem acesso. Então quando você fala periferia, pelo menos pra mim, automaticamente você já tá falando disso. (entrevistado 2 – 18:56)

Só para entender também quem é essa pessoa entrevistada. Cidade Ademar é uma região extremamente vulnerável, tá no topo da vulnerabilidade, se você pega os índices da cidade é a pior região do Município de São Paulo, foi cativo do prefeito Celso Daniel, então o tráfico de drogas toma conta, as milícias tomam conta, é uma região com 422 mil habitantes e que não dispõe de nenhum equipamento de cultura. E aí eu, enquanto fazedor de cultura, quando eu olhava para o meu território e via a exclusão, eu falava: pera aí gente! Mas eu quero fazer parte do mapa, eu sou a cidade também. Então a minha participação nas políticas públicas se dá de fato por uma tentativa de articular algo no meu território (Entrevistado 3)

Porque, como bicha periférica que eu sou, tenho muito orgulho, sempre me declaro como sujeito periférico, não tem vergonha alguma disso porque eu tenho um jargão que é “periferia não é bagunça não! Periferia tem conhecimento, tem sabedoria, tem ciência, tem diversas coisas acumuladas e que é menosprezado pelo poder público” (Entrevistado 3)

⁴³ [https://pt.wikipedia.org/wiki/Alphaville_\(bairro_de_Barueri_e_Santana_de_Parna%C3%ADba\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Alphaville_(bairro_de_Barueri_e_Santana_de_Parna%C3%ADba))

⁴⁴ <https://pt.wikipedia.org/wiki/Tambor%C3%A9>

2.3 Intersecção entre Cultura e Política

As perguntas iniciais não previam a abordagem entre cultura e política, mas os estudos oriundos da revisão de literatura nos levou a este caminho, sendo pertinente trazer esse assunto à baila. Não houve a preocupação por parte desta pesquisadora delimitar para os entrevistados o que seria política, e isto foi intencional, pois acreditei que deixando em aberto, a multiplicidade de entendimentos viria à tona com mais facilidade, o que mostrou ser, com as análises das respostas, muito fecundo.

A revelação de organizações político-sociais africanas que tem a cultura como elemento estruturante e que vem sendo estudado pelos entrevistados de forma autodidata ou em coletivos não acadêmicos é um exemplo de como o entendimento de política, por parte deles, mostra-se superior ao comum, abrangendo o conhecimento de saberes e práticas invisibilizadas por uma concepção de civilização ligada a ideia eurocêntrica de cultura já abordado no capítulo anterior. Talvez encontre-se aí a possibilidade de se repensar o conhecimento científico tendo o Sul Global como o novo Norte – e a revelação deste novo paradigma político-social pretendo levar para estudos superiores.

Para mim, cultura é política. Na cultura africana, a cultura não tá fora da política. A cultura é parte da política. A cultura é a política, porque a cultura é comportamento, a linguagem, são expressões, são tradições, são cosmovisões, cosmossensíveis, que podem vir ou não a ser religiões. Tudo isso é cultura, não tá separado. (Entrevistado 1 – 58:00)

Paulo Dias, que é um etnomusicólogo da Associação Cultural Cachuera, ele costuma dizer que o continente Africano, os povos africanos, eles não dividem, por exemplo, eu não sou dividido: no meu corpo o meu braço direito é cultura, o lado esquerdo do braço é a saúde, a cabeça é a educação, os pés é a mobilidade... então o povo africano, ele talvez possa responder melhor para você, ele é tudo. Ele sabe de dez gerações e sabe da sua ancestralidade, e se ele conhece a sua ancestralidade ele não vai trair seu povo. (...) E não existe povo sem história, não existe periferia sem história. E aí quando eu estou na periferia como ativista, como cidadão estou dizendo: nós temos a nossa história e a gente tem que preservar. Então não há

militância sem pensar a sua história e a sua ancestralidade, seja ela indígena, quilombola, negra. (entrevistado 3 – 42:00)

Acredito que, por terem essa concepção de política muito mais ampla que o senso comum que tenha surgido um desapontamento com a política partidária, tido como algo negativo, apesar da sua presença importante. Identifiquei três pontos dessa relação, lembrando que, por ter sido entrevistas longas e apesar de fecundas, não foram sintéticas, acredito que esta lista não se exaure aqui.

2.3.1 Ausência de reconhecimento dos não-institucionalizados

Um dos primeiros conflitos que pude detectar entre o movimento cultural e a política partidária é a falta de compreensão, desta última, do que vem a ser os grupos e coletivos culturais de periferia e que a ausência de um PJ⁴⁵ não torna a agenda destes grupos menos insignificantes. O pensamento de Eunice Durhan⁴⁶ ajude a elucidar esta passagem ao afirmar que “devemos evitar a noção de que os movimentos sociais são formas inferiores de mobilização, que devem evoluir para formas mais plenas e satisfatórias de ação política: a partidária e a sindical” (DURHAN, 1984).

Eu vejo uma arrogância muito grande, especialmente de pessoas organizadas a partir de pautas partidárias ou institucionais, e visam só a institucionalidade, uma arrogância muito grande em falar dos não-organizados. E os não-organizados, para essas pessoas, muitas vezes, são pessoas que não fazem parte dos partidos delas, ou porque não fazem parte dos movimentos que elas ocupam. E isso é uma visão muito, muito, muito judaico-cristã de conversão: você não é convertido à minha visão, logo você não é. (Entrevistado 1)

⁴⁵ Forma corriqueira de nomear a Pessoa Jurídica, que é uma entidade que pode ser detentora de direitos e obrigações e à qual se atribui personalidade jurídica. https://pt.wikipedia.org/wiki/Pessoa_jur%C3%ADdica

⁴⁶ Eunice Durhan. Movimentos sociais: a construção da cidadania. Novos Estudos CEBRAP, n. 10, out 1984 p. 2

A Mestra Gislaíne, da Congada Santa Efigênia (...) a Mestra Aneci de Toledo, do Batuque de Umbigada Tietê (...) Essas duas, esses dois exemplos de organizações familiares, comunitárias, tradicionais, assim como Ialorixás e Babalorixás, são potências políticas vinte anos mil a frente de qualquer sigla partidária, porque partem de preceitos e sínteses tradicionais centenárias. Só que há essa arrogância de partidos que existem há 30, 40, 50 anos, de achar que essas organizações, esses organismos que sobrevivem a tantos anos, tem menos peso político que eles. (entrevistado 1).

Então pra mim a política e a cultura estão muito ligadas. E como eu falei também, tudo que a gente faz é político, as nossas relações são políticas, as decisões que a gente toma são políticas, então muitas vezes não tem como. Eu digo a política do fazer político, não a política partidária, por aí eu acho que é zuado... Você misturar cultura com a política partidária eu acho zuado. (Entrevistado 2)

2.3.2 - A negação de instituições como porta-voz

Ainda sob a lógica do tópico anterior, onde só possui voz no meio político-partidário quem for institucionalizado, e conseqüentemente a necessidade de se ter um porta-voz para a propositura de uma pauta cultural na agenda legislativa é refutado pelos entrevistados.

Nós viramos um número para as eleições. Então, a cada dois anos, tapinhas nas costas são dados para que a urna diga quem vai para o poder. Só que isso para mim não quer dizer nada, porque a partir do momento que eu voto naquela pessoa e depois ela dá as costas pro meu território, qual validade que isso tem? E aí, não desacreditando nos partidos, mas eu acho que há um limbo estranho que a gente precisa entender, é que movimento cultural das periferias ele supre a minha participação enquanto sujeito, cidadão, e onde eu posso pensar políticas públicas da cidade. E não como um sujeito passivo, mas como um sujeito que propõe, e que é deliberativo! Que pouco me importa os conselhos consultivos. (Entrevistado 3)

Até por conta das conquistas do militantes culturais periféricos na implantação de políticas públicas pioneiras no país, como o Programa VAI e o Fomento à Cultura das Periferias. Sem adentrar o que seriam estas espécies de fomento cultural, cujo breve

comentário foi feito no capítulo introdutório, são todos voltados para grupos e coletivos não institucionalizados, mas com uma pessoa física ou um grupo de pessoas físicas como responsáveis legais pelo contrato com a Administração Pública. Nisso, há um reconhecimento de que o movimento cultural paulistano é pioneiro nas políticas públicas culturais, na comparação com outras cidades da federação.

Mas como é que a gente vai provar isso? Vai provar como pessoa física, porque a lógica da Periferia não é pessoa jurídica, e não é ONG. Pode ser também. Mas assim, CNPJ às vezes é um... então a lógica dos criadores da Periferia são sujeitos pessoa física.(...) E a periferia sabe prestar contas. Sabe cuidar de dinheiro público sim. Porque a gente já fez muitas coisas com pouquíssimo dinheiro. (entrevistado 3)

Mas eu fico pensando que as vezes a gente, nesse cenário, estar aqui na cidade de São Paulo, com relação a outros estados, a gente é um pouco privilegiado no sentido de formação, de acesso, por mais que o nosso acesso seja ruim, por mais que a gente não tenha acesso a muitas coisas. Eu acabei de voltar de Salvador e assim, muito foda fazer cultura lá, sabe! Ou no Rio, por exemplo, onde as ONG's são muito fortes, você precisa tá dentro de uma ONG pra você ter acesso a determinada política pública, você precisa ter um aparato jurídico burocrático para você ter acesso a uma política pública de cultura, uma coisa que deveria ser básica, uma coisa que você não deveria precisar se institucionalizar dessa forma para ter acesso a isso. (Entrevistado 2)

2.3.3 A negação do movimento como integrante de política partidária

Esta negação deriva da análise dos saberes dos artistas onde, para além da dualidade do espectro político partidário, os partidos políticos produzem um equívoco de não entenderem que o movimento cultural de periferia ocupa um espaço próprio diverso dos partidos. No espectro à esquerda, por não entender, ignora-se. No espectro à direita, por não entender, elimina-se.

Isso desfaz um lugar comum exaustivamente explorado pela extrema-direita, onde cultura e movimentos sociais são integrantes de uma esquerda partidária. Os próprios integrantes de movimentos culturais não se veem dentro de uma lógica partidária.

Já tive oportunidade de algumas vezes de estar em discussões de movimentos políticos, com pessoas de vertentes, em geral pessoas da esquerda, porque eu não diálogo com a direita porque a direita me quer morto. A centro-direita e à direita me quer morto epistemologicamente e objetivamente. Mas dialogando com a esquerda, e falar dessa arrogância para esquerda porque a esquerda é branca, branquíssima. (Entrevistado 1)

Em toda minha vida eu votei em um pensamento de esquerda. Mas quando eu vi, no meu território, a esquerda também fazendo curral como direita, eu comecei a ficar extremamente... E o espaço onde eu vi isso nitidamente é na Prefeitura Regional. Tanto que aquilo não me representa, eu não piso mais naquele lugar. (Entrevistado 3)

Então há uma deficiência, uma deficiência de aprendizado de quem se vê como um ser político institucional em conhecer a cultura. As pessoas vê a cultura e acham que é a arte. As pessoas desse campo institucional, elas vem a cultura e elas acham que é só arte, e não é só arte. (...) Porque as escola de samba não estão organizadas a partir de pautas progressistas ou de esquerda? Porque as esquerdas não entenderam o papel fundamental dessas agremiações enquanto organização das comunidades negras, das matrizes africanas, das raízes de expressões dos povos originários, da cultura banta nacional, que é a nossa linguagem. (Entrevistado 1)

2.4 Definição do Movimento Cultural de Periferia

Finalmente chegamos ao cerne do trabalho, onde todo o percurso investigativo com a coleta de dados, análise de conteúdo e os resultados obtidos dialogam com a revisão de literatura realizada no capítulo anterior. Relembrando o que já foi exposto, o Movimento Cultural de Periferia pode ser assim categorizado, segundo o proposto por Scherer-Warren em sua análise dos movimentos sociais:

a) No que concerne a identidade, é o pertencimento à periferia. Este pertencimento pode ter outras categorizações, como classe, gênero, etnia, mas o fator periferia destaca-se.

b) No que concerne ao opositor, este é o mercado, onde os movimentos culturais de periferia representam a resistência se reapropriando e ressignificando produtos da indústria cultural. O Estado pode configurar-se como adversário quando adota a agenda e os interesses do mercado, pois quando este é o fomentador de recursos, assume a face de parceiro;

c) No que concerne a utopia reside nos dois tópicos anteriores: ter o acesso à produção e à fruição cultural em seu território, e que esta arte expresse a sua identidade. Desse modo, pode-se dizer que a principal demanda desses coletivos é o acesso à produção e à fruição cultural, sendo protagonistas e produtores de suas experiências culturais. Esta demanda está relacionada não só a uma precariedade de oferta de equipamentos para fruição e acesso cultural na periferia, mas também ao reconhecimento de que nesses locais há uma cultura pulsante, criativa e pouco reconhecida e legitimada pelo mercado, pela mídia e pelo Estado.

Ao fazer a análise dos dados trazidos pelos entrevistados, de imediato percebo a necessidade de reformular esta conceituação, principalmente no opositor. O Estado é um forte opositor mesmo quando implementa políticas públicas culturais, pois a propositura da cultura na agenda legislativa e a implementação pelo executivo não é feito de forma amistosa pelos líderes políticos. Só houve sucesso pela estratégia adotada em provar que determinados projetos de lei são suprapartidários e beneficiariam a base eleitoral destes vereadores. E pela insistência dos integrantes deste movimento, que cotidianamente visitavam a Câmara dos Vereadores, Gabinete do Prefeito e Secretaria Municipal de Cultura para ver os projetos aprovados. O Estado é devedor, a periferia é credora:

E entender que o território, como criador de várias matrizes culturais, é credor do Estado. O Estado tem uma dívida, com as periferias. Isso a nível Brasil. Tem uma dívida de material simbólico, de bens e materiais, e de respaldo a essas expressões. (entrevistado 1)

Então o direito à cidadania parece que, na periferia a gente não tem direitos. A gente só tem deveres. (entrevistado 3)

Mas quando a gente discutiu na Câmara dos Vereadores que nós queríamos pleitear 50% do orçamento para as periferias, levou tempo para as pessoas entenderem. Eles olhavam a gente com desdém, tipo vocês são loucos? Que pretensão é essa? Mas meus caros, 70% da população está nos extremos da cidade! Quando eu tenho 54% dos equipamentos de cultura nos distritos Sé e Pinheiros, e eu moro em um Distrito que é zero equipamento de cultura, essa conta é igual? Não é! (...) Meu querido, eu não quero que não é meu. Eu quero uma equidade de valores. O centro tem infra-estrutura, mas e do outro lado da ponte, o que que há? Existem trabalhadores que pagam tão igual ao imposto do que a pessoa do centro paga. E porque eu sou tratado diferente? (entrevistado 3)

O mercado também ocupa o papel de opositor, mas talvez pela minha abordagem metodológica não tenho condições de mensurar o tamanho desta oposição no movimento. Na fala de um dos entrevistados, a indústria cultural aparece como elemento antagônico e elemento determinante para ele ter se fixado na periferia e *in loco* evitar o por ele chamado de furtos culturais:

A minha relação foi de reconhecimento. Tanto de um reconhecimento de mim, e do reconhecimento de alguns furtos culturais que acontecem. Porque se você for ver, grande parte das culturas que entram para a indústria cultural e que são disseminadas e massificadas, quase que a totalidade delas são criação das periferias, se você for pensar em expressões nacionais, né! (...) Todas as coisas que hoje estão nos institutos brancos do centro-oeste e que são vendidos de forma caríssima por pseudo-detentores da Cultura, que em geral são brancos, todas essas coisas são da periferia. Em um determinado momento recente aqui da história de São Paulo se criou uma cena na qual é possível não sair (da periferia). Se criou esse lugar, esses lugares de expressão, onde as pessoas tem uma cena cultural. E aí comecei a ver que tipo... Primeiro comecei a achar que talvez eu não seja um artista que seja palatável para o grande mercado, porque o grande mercado prevê algumas renúncias políticas, algumas renúncias... algumas das quais não estou, não estou aí para fazer. Abdicar de alguns posicionamentos não é minha pegada. (Entrevistado 1)

Assim, esta é a visão de cada entrevistado sobre o que vem a ser esse movimento social estudado neste trabalho e a qual eles se identificam e fazem parte. E assim como este trabalho, é um início de um exercício de longa estrada.

Então um movimento cultural das periferias ele é um diálogo com seus. Um diálogo com seu território. É um diálogo com as pessoas que ninguém precisa explicar para elas o que é exclusão. Elas são a própria exclusão. E não adianta, com todo respeito que eu tenho com a Universidade, não é a Universidade que vai chegar lá e dizer: vocês são... eles sentem isso na pele todos os dias! Então o movimento cultural das periferias ele vem como, longe de resolver os problemas do fazer artístico no município, mas ele é uma nova maneira de pensar as políticas públicas culturais, a partir das demandas que nós precisamos. (Entrevistado 3)

Nessa forma ampla, eu acho que os movimentos culturais de Periferia são pessoas que entendem, tem consciência do valor do que fazem, e que estão cansados de como está organizado a pauta da cultura nas cidades. É muito influenciado pelas conferências de Cultura, porque também foi um bom estudo pra gente, as pessoas da Periferia entenderem que os grandes centros culturais, grandes espaços culturais, as grandes verbas, a maior parte das companhias de teatro, a maior parte das bibliotecas, dos pontos de leitura, dos espaços culturais em geral, eles não atendem a cidade. Eles atendem parte da cidade. Em geral parte da cidade que não precisaria necessariamente de serviços gratuitos. Tem muitas pessoas que podem pagar pelos produtos que estão consumindo gratuitamente, e quem de fato não pode... tem essa inversão. Inversão que é reproduzida em todo canto na cidade São Paulo. Quem mais acessa os direitos universais, entre aspas e bem aspas, porque não são direitos universais, são pessoas não negras, de classe média alta, em geral pessoas bem escolarizadas, pessoas que têm n privilégios. Então esses movimentos, eles entenderam essa dinâmica e então avançando. (Entrevistado 1)

Por mais que ainda tenha uma invisibilidade, os movimentos culturais de periferia tomou um espaço que sempre foi nosso, de dizer: a gente tá aqui, a gente existe, a gente é periférico, e a gente também pode fazer cultura, a gente também faz arte, também pinto, também escrevo, também tiro foto, também faço varias coisas e sempre morei na periferia (...) é pra dizer o seguinte, não preciso ir pro centro só. Pra poder fazer as minhas coisas, pra tá mais visível, posso sim fazer no lugar onde estou, estar onde estou numa periferia, morando num barraco e estar fazendo arte, e está ali fazendo coisas, entendeu? Então o movimento cultural de periferia tem se firmado cada vez mais, né.... (Entrevistado 2)

3. Considerações Finais

O presente trabalho teve como objetivo principal estudar os movimentos culturais de artistas residentes nas periferias da cidade de São Paulo. Em um momento de sorte, esta pesquisa permitiu vivenciar uma oportunidade histórica rara, onde foi possível não só pesquisar os movimentos culturais de periferia, também propiciar um flagrante⁴⁷ da ebulição político-social que se intensificou neste último ano, intensificado principalmente pelas eleições para o executivo e legislativo que ocorreram em outubro. Da data de elaboração do projeto de pesquisa como condição de ingresso a este curso *Latu Sensu* até o último capítulo desta pesquisa, transcorreram-se 28 meses. Tempo suficiente para acompanhar o surgimento do já relatado *Ur-Fascismo à brasileira* e a predominância de valores da *Alt-Right*, transformando a cultura, de direito constitucional e um “ótimo negócio”⁴⁸, em objeto passível de extinção, juntamente com todos os outros ativismos⁴⁹. Um flagrante resignificado de conceitos difundidos como cultural – este como sinônimo de natural, inerente à personalidade de determinada sociedade, como já mencionado no capítulo um, como a democracia racial e o homem cordial⁵⁰. Um flagrante da queda das máscaras do brasileiro alegre, tolerante e agregador para a revelação de uma face pobre, perversa, cheia de preconceitos, racismos e exclusões. E de cordial⁵¹ como sinônimo de afetuosidade, amabilidade ou bondade, voltou-se ao seu sentido original: o coração. E a boca fala o que está cheio o coração?⁵²

⁴⁷ Do latim *flagrans*, fogo, chama, ardor. Sinônimo de vigor, ardente, inflamado (daí o seu uso a atos sexuais) além do popular termo criminológico de se registrar o momento exato de um cometimento (crime). Disponível em: www.significados.com.br/flagrante/

⁴⁸ A cartilha “Cultura é um Bom Negócio” foi lançada na gestão de Francisco Weffort à frente do MinC, tornando-se um documento emblemático da atuação do governo FHC no campo da cultura. Disponível em: www.contee.org.br/noticias/artigos/art555.asp

⁴⁹ “Vamos botar um ponto final em todos os ativismos” Frase do presidente eleito Jair Bolsonaro na ocasião de sua vitória no primeiro turno das eleições de 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=W03TbRU7So0&feature=youtu.be>

⁵⁰ Homem cordial é um conceito desenvolvido pelo historiador Sérgio Buarque de Holanda em seu livro “Raízes do Brasil”.

⁵¹ Cordial: Que expressa afabilidade, sinceridade; afetuoso, amigável, amável, benevolente, benigno; Relacionado ou particular do coração. Disponível em: www.dicio.com.br/cordial/

⁵² “Raça de víboras! como podeis vós falar coisas boas, sendo maus? Pois a boca fala do que está cheio o coração.” Mateus 12:34. Disponível em: www.bibliaon.com/versiculo/mateus_12_34

Considero que não só as questões iniciais explicitadas na introdução foram trabalhadas e respondidas ao longo do texto, mas outras questões urgentes foram surgindo: Quem somos nós? Quem sou eu? Quem é esse outro? São questões cujas respostas não foram apresentadas a contento, até por conta do caráter *latu sensu* da pesquisa. Mas deixa claro que essas perguntas trazem a baila elementos da cultura para que possamos construir a singularidade e a autoestima de populações invisibilizadas. O cotejo entre cultura e política sob o olhar acadêmico propiciou um desenvolvimentos primordial do tema, principalmente a teorização da cultura de Marilena Chauí, a teorização dos movimentos sociais de Ilse Scherer-Warren e os estudos anteriores dos movimentos culturais de Harika Merisse Maia, Renato Souza de Almeida, James Lemos Abreu e Sílvia Lopes Raimundo. Mas este olhar foi ajustado com os óculos dos artistas periféricos entrevistados, e ter essa amplitude de visão foi, no meu ver, o maior ganho desta pesquisa. Em determinados momentos, o olhar dos pesquisadores destoavam dos óculos artísticos e periféricos, o que é natural e esperado, pois nem sempre a academia tem a agilidade das ruas. Por isso que o assunto nem de longe se esgota aqui e há muito ainda por ser estudado sobre este movimento social, o que me estimula a prosseguir em estudos superiores a partir dos resultados aqui obtidos.

Nos anos 1980, quando os novos personagens entraram em cena, a cultura e seus desdobramentos e arte e lazer nem de longe eram vistos como direitos a serem garantidos. Após trinta anos da obra de Sader, é possível afirmar que os movimentos culturais de periferia contribuíram para que cada vez mais a cultura fosse compreendida como um direito pelo poder público e pela própria sociedade civil. Eis porque a experiência cultural tem uma dimensão política forte, pois através desse reconhecimento de direitos – e de valores - é que a vida coletiva pode se realizar. A cultura vai produzir essas referências, vai fomentar encontros, empreendimentos e trocas em uma sociedade, e somente assim que o coletivo acontece.

Os estudos com os artistas periféricos – e conseqüentemente, com os coletivos e movimentos culturais a quais pertencem – confirmou a linha teórica onde, contrariando o senso comum, política não é somente o que políticos fazem, mas aquilo que os cidadãos fazem, se apropriando dos espaços públicos para fazer valer seus direitos. Nas entrevistas fica claro que a cultura leva a mudanças sociais, mas engana-se que qualquer mudança é benéfica: mudanças podem ser conservadoras, autoritárias, ou podem ser um modismo, colocando a cultura como uma experiência fugaz. A sabedoria torna-se necessária para distinguir quais as mudanças que nos convidam a uma nova experiência cultural. E essa sabedoria permeia as margens da cidade de São Paulo, as periferias - ou nas palavras de um dos artistas entrevistados, “Periferia não é bagunça! Tem muita coisa boa e é menosprezada pelo poder público” (Entrevistado 3). Resgatar e promover o conhecimento de saberes e práticas invisibilizadas, oriunda dos povos originários e que hoje é a população majoritária das periferias talvez seja a chave para uma renovação do pensamento político e o desenvolvimento de novos paradigmas que não o liberal e eurocêntrico.

Vimos que não há possibilidade de mudança fora da cultura, e não sendo monopólio da política. Política esta enxergada além, já que a política partidária é refutada pelos artistas entrevistados. A política tem um forte componente subjetivo e é preciso ser reconhecido, não apenas como um componente ideológico, mas como elemento na estruturação de uma hegemonia; e a cultura, por sua vez, está presente ao proporcionar uma amplitude das experiências tradicionais e formais de participação política. Reconhecer essa articulação entre ambos - cultura e política – com protagonistas os coletivos não institucionalizados é o desafio atual.

Por fim, há de se dizer que, assim como os artistas oriundos das periferias da Cidade de São Paulo, o presente trabalho foi também uma utopia tal qual entendida por Ilse Scherer-Warren, onde na teoria dos movimentos sociais a utopia é sinônimo de mudança

social e cultural, pois assim se espera dar um tratamento científico a este movimento cultural cuja atuação se funde com a democracia, cidadania e mudança social. Afinal, esta pesquisadora que assina este trabalho de conclusão de curso também é oriunda deste mesmo movimento cultural de periferia objeto do presente estudo.

Da mesma forma que iniciei, encerro o presente estudo com arte. E achei por bem fechar transcrevendo os demais versos do poema que abre esta dissertação:

(...)

A favor de um subúrbio que clama por arte e cultura, e universidade para a diversidade. Agogôs e tamborins acompanhados de violinos, só depois da aula.

Contra a arte patrocinada pelos que corrompem a liberdade de opção.

Contra a arte fabricada para destruir o senso crítico, a emoção e a sensibilidade que nasce da múltipla escolha.

A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

A favor do batuque da cozinha que nasce na cozinha e sinhá não quer. Da poesia periférica que brota na porta do bar.

Do teatro que não vem do “ter ou não ter...”.

Do cinema real que transmite ilusão.

Das Artes Plásticas, que, de concreto, quer substituir os barracos de madeiras.

Da Dança que desafoga no lago dos cisnes.

Da Música que não embala os adormecidos.

Da Literatura das ruas despertando nas calçadas.

A Periferia unida, no centro de todas as coisas.

Contra o racismo, a intolerância e as injustiças sociais das quais a arte vigente não fala.

Contra o artista surdo-mudo e a letra que não fala.

É preciso sugar da arte um novo tipo de artista: o artista-cidadão. Aquele que na sua arte não revoluciona o mundo, mas também não compactua com a mediocridade que imbeciliza um povo desprovido de oportunidades. Um artista a serviço da comunidade, do país. Que armado da verdade, por si só exercita a revolução.

Contra a arte domingueira que defeca em nossa sala e nos hipnotiza no colo da poltrona.

Contra a barbárie que é a falta de bibliotecas, cinemas, museus, teatros e espaços para o acesso à produção cultural.

Contra reis e rainhas do castelo globalizado e quadril avantajado.

Contra o capital que ignora o interior a favor do exterior.

Miami pra eles ? “Me ame pra nós!”.

Contra os carrascos e as vítimas do sistema.

Contra os covardes e eruditos de aquário.

Contra o artista serviçal escravo da vaidade.

Contra os vampiros das verbas públicas e arte privada.

A Arte que liberta não pode vir da mão que escraviza.

Por uma Periferia que nos une pelo amor, pela dor e pela cor.

É TUDO NOSSO (VAZ, 2007)

Referências

ABREU, James de Lemos. *Cultura e Política: O caso do Programa “VAI” em São Paulo – 2004-2008*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2010. Disponível em: <https://tede.pucsp.br/handle/handle/4200>. Acesso em: 20 jun 2018

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Indústria Cultural e Sociedade*. SP: Paz e Terra, 2002

ALMEIDA, Renato Souza de. *Juventude, direito à cidade e cidadania cultural na periferia de São Paulo*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, n.56, p.151-172, dec. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/68994>. Acesso em: 20 jun 2018

_____. *Juventude e Participação: Novas formas de atuação juvenil na cidade de São Paulo* Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/4129/1/Renato%20Souza%20de%20Almeida.pdf>. Acesso em: 20 jun 2018

CEDECA Interlagos (org.). *Manifesto cultural: O Movimento é Cultural e a Política é Pública*. 2010. Disponível em: [http://files.coletivoradioativo.webnode.com.br/200000108/manifesto%20\(1\).pdf](http://files.coletivoradioativo.webnode.com.br/200000108/manifesto%20(1).pdf)

CHAUÍ, Marilena de Souza. *Convite à Filosofia*. São Paulo: Ática, 2000

_____. *Cidadania Cultural: o direito à cultura*. São Paulo: Perseu Abramo, 2006

_____. *Cultura e democracia: o discurso competente e outras falas*. São Paulo: Cortez, 2003

_____. *Cultura e democracia*. Em: *Crítica y emancipación: Revista latinoamericana de Ciencias Sociales*, Año 1, n. 1 (jun. 2008). Buenos Aires: CLACSO, 2008. Disponível em: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/secret/CyE/cye3S2a.pdf> Acesso em: 18 mai 2018

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. *Formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo*. Tese (Doutorado em Sociologia) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8132/tde-18062013-095304/en.php>. Acesso em: 15 ago 2018

KOWARIK, Lúcio e MARQUES, Eduardo (orgs.). *Novos percursos e atores: Sociedade, cultura e política*. SP: .34, 2011

MAIA, Harika Merisse. *Grupos, Redes e Manifestações: A Emergência dos Agrupamentos Juvenis nas Periferias de São Paulo*. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2014. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/3579/1/Harika%20Merisse%20Maia.pdf> Acesso em: 20 jun 2018

NASCIMENTO, Érica Peçanha. *É tudo nosso! Produção cultural na periferia paulistana*. Tese (Doutorado em Antropologia Social) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011. Disponível em: http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-12112012-092647/publico/2011_EricaPecanhaDoNascimento_VCorr.pdf. Acesso em: 22 jul 2018

ONU/PNUD. *Relatório do Desenvolvimento Humano 2004: Liberdade Cultural num Mundo Diversificado*. Disponível em: <http://hdr.undp.org/sites/default/files/hdr2004-portuguese.pdf>. Acesso em: 10 jun 2018

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO PAULO / SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. *Programa VAI 5 Anos*. SP: [sn], 2008.

_____. *VIA VAI: percepções e caminhos percorridos*. SP: [sn], 2012.

_____. *3ª Conferência Municipal de Cultura*. 2014. Disponível em: http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/upload/3ConfPublicacaoPDF_1402497067.pdf

RAIMUNDO, Silvia Lopes. *Território, Cultura e Política: Movimento Cultural das Periferias, Resistência e Cidade Desejada*. Tese (Doutorado em Geografia Humana) Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-17042017-104001/pt-br.php>. Acesso em: 20 jun 2018

SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena: experiências, falas e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)*. 4.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001

SCHERER-WARREN, Ilse. *Das mobilizações às redes de movimentos sociais*. Soc. Estado, Brasília, v.21, n.1, p. 109-130, Abr. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/se/v21n1/v21n1a07.pdf>. Acesso em: 20 jun 2018

_____. *Sociedade Civil e Movimentos Sociais*. 2011 Disponível em: www.youtube.com/watch?v=9fYsIIIUnPw. Acesso em: 13 jun 2018

SOUZA, Valmir. *Políticas Culturais em São Paulo e o Direito à Cultura*. Políticas Culturais em Revista, 2 (5),p. 52-64, 2012. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/pulturais/article/download/6535/4821>. Acesso em: 22 jul 2018

UNESCO. *Declaração Universal da Diversidade Cultural*, p. 2 Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0012/001271/127160por.pdf>. Acesso em: 8 mai. 2018

VAZ, Sérgio. *Manifesto da Antropofagia Periférica*. 2007. Disponível em: <http://coleccionadordepedras1.blogspot.com/2010/08/manifesto-da-antropofagia-periferica.html>. Acesso em: 13 jun 2018

WILLIAMS, Raymond. *Cultura e Sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.